



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

Simone de Brum

SENTIDOS DA ESCOLA PARA JOVENS E ADULTOS SURDOS

**Porto Alegre
1º semestre
2013**

Simone de Brum

SENTIDOS DA ESCOLA PARA JOVENS E ADULTOS SURDOS

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade De Educação da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora:

Prof. Dra. Adriana da Silva Thoma

Porto Alegre

1º semestre

2013

Dedico este trabalho à minha família, que culturalmente, sempre acompanhou meu processo escolar, e me apoiou nesta fase da graduação, participação essa que julgo como fundamental neste momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus amigos e familiares que me acompanharam nesta longa etapa da minha vida, que me apoiavam, independente da situação, e que, principalmente, acreditavam em mim e nos meus sonhos. Em especial, a constante força ...

... dos meus pais, sempre atenciosos, firmes e fortes para que eu seguisse em frente, sem fraquejar. Presentes na minha vida acadêmica mesmo estando distantes fisicamente. Obrigada pelo carinho, dedicação, apoio, fé e momentos de silêncio, que me ajudam a criar resistência.

... do meu irmão de sangue Guilherme, e irmãs, que escolhi nesta caminhada, Joana, Bruna e Júlia, que sempre estiveram comigo, me acompanhando nos momentos alegres e me agüentando nas fases difíceis. Obrigada pelos longos abraços sinceros e repletos de energias positivas.

... dos meus maiores incentivadores a ingressar nesta Faculdade, Fabrício, Maximiliano e Maria Ângela, que acreditavam na minha capacidade, muito mais que eu. Agradeço pela paciência, incentivo, estímulo, e todas as aprendizagens que adquiri, tendo como consequência, o crescimento e as conquistas.

... das minhas amigas do cursinho pré-vestibular, que até hoje lutam em conjunto para que todos possamos realizar nosso sonho em comum, a nossa formação. Obrigada pelos momentos de alegria e descontração, eles também são importantes.

... e fundamental disponibilidade da Instituição, na qual realizei este trabalho, com o apoio da Professora Carmem, a participação do Hélio, Cleusa e Ane Elise, e grande empenho da intérprete Janaína. Obrigada pela oportunidade de conhecê-los, foi uma grande experiência.

... da pessoa que esclareceu minhas maiores dúvidas, que me ajudou a enxergar meus preconceitos, e por isso rever muitos conceitos, minha orientadora, Professora Doutora Adriana da Silva Thoma. Obrigada pela atenção, paciência, dedicação, carinho, disponibilidade e principalmente apoio nos mais diferentes momentos em que passei.

*“Uma língua só pode ser utilizada
em contato com outros sujeitos,
portanto, em comunidade. Em
comunidade, valores e
experiências são compartilhados e
vão engendrando modos de ser e
estar no mundo, e esses valores e
experiências constituem aquilo que
chamamos de cultura”*

Adriana da Silva Thoma

RESUMO

Nesse trabalho, busco entender e problematizar alguns sentidos da escola para determinados jovens e adultos surdos, bem como conhecer aspectos da cultura e da comunidade surda. No decorrer da Graduação de Pedagogia, tive experiências que me questionaram em relação a essa temática, e por isso tento entender os sentidos que levam este grupo social a retomar os estudos. Tendo como base entrevistas semiestruturadas realizadas com três alunos surdos de turmas T2, T3 e T4 de Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola de Porto Alegre e análise das respostas obtidas, desenvolvi este trabalho. Utilizei Zigmund Bauman (2001) para sustentar a compreensão adotada sobre o conceito de comunidade, e pesquisadores do campo dos Estudos Surdos, como Adriana da Silva Thoma (2011), Maura Corcini Lopes (2007) e Liliane Ferrari Giordani (2003) e Anie Pereira Goularte Gomes (2011) para pensar sobre as noções de Comunidade e Cultura Surda. Os sentidos da escola para os entrevistados apontam para a busca de seus semelhantes, querendo participar e aprender a ler, escrever, sinalizar entre outros. Concluo então que o sentido principal do retorno à escola refere-se ao compartilhamento da cultura surda, embora outros sentidos comuns ao público da EJA, também tenham sido identificados.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Cultura surda. Comunidade surda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. EXPERIÊNCIAS ME ENSINAM E QUESTIONAM.....	10
3. COMUNIDADE E CULTURA SURDA.....	12
3.1 COMUNIDADE E CULTURA SURDA.....	12
3.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA SURDOS.....	14
4. METODOLOGIA.....	17
5. SENTIDOS DA ESCOLA PARA OS JOVENS E ADULTOS SURDOS.....	21
5.1 TROCANDO EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS.....	21
5.2 O DIA-A-DIA E O FUTURO.....	25
5.3 OUTRAS PERCEPÇÕES.....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7. REFERÊNCIAS.....	32
ANEXO.....	34
ANEXO A – Transcrições das Entrevistas.....	34
ANEXO B – Termo de Consentimento Informado.....	55

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, busco entender e problematizar alguns sentidos da escola para determinados jovens e adultos surdos, bem como conhecer aspectos da cultura e da comunidade surda.

A motivação pelo tema surgiu durante uma disciplina eletiva em que foi necessário realizar uma observação em uma turma de educação de surdos, sendo essa realizada em uma turma de Educação de Jovens e Adultos surdos. Após essa disciplina, me senti instigada a pesquisar sobre os sentidos da escola para os alunos surdos da EJA que observei durante o referido trabalho, e, para realizar a pesquisa desse Trabalho de Conclusão de Curso, realizei entrevistas semiestruturadas em uma turma com três alunos.

Utilizei como principais referenciais teóricos Zigmund BAUMAN (2001) que conceitualiza comunidade ao escrever que “A ‘comunidade’, cujos usos principais são confirmar, pelo poder no número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere ‘aprovação social’, deve possuir os mesmos traços.”

Para entender melhor as noções de comunidade e cultura surda, utilizei principalmente Adriana da Silva THOMA (2010, 2011, 2012), Maura Corcini LOPES (2007), Liliane Ferrari GIORDANI (2003) e Anie Pereira Goularte GOMES (2011). Em relação a cultura surda, GOMES (2011, p. 124) explica que: “A cultura surda vem atuando como um conceito fechado e universal, tomando significado de língua, essência, experiência visual, tradução cultural, língua, entre tantos outros.”. THOMA (2012, p.87), por sua vez, esclarece sobre comunidade surda:

Uma língua só pode ser utilizada em contato com outros sujeitos, portanto, em comunidade. Em comunidade, valores e experiências são compartilhados e vão engendrando modos de ser e estar no mundo, e esses valores e experiências constituem aquilo que chamamos de cultura.

A metodologia utilizada teve a reflexão teórica como principal ponto e o auxílio do levantamento bibliográfico para a posterior pesquisa empírica, que foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, com o auxílio de uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras), com 3 alunos da EJA surdos, no espaço escolar.

Partindo dos questionamentos feitos aos alunos entrevistados e de reflexões teóricas, analisei as respostas dadas por eles e as agrupei por sentidos similares, e por fim as interpretei com embasamento teórico.

Concluindo o trabalho, fiz análises sobre a importância de entendermos os sentidos da escola para os alunos, particularmente para alunos surdos de EJA, para a atuação docente com esses sujeitos, assim como sobre a importância do conhecimento das noções de comunidade e cultura surda nas práticas escolares com alunos surdos.

2 – EXPERIÊNCIAS ME ENSINAM E QUESTIONAM

Durante o segundo semestre de 2012, cursei a disciplina eletiva de Educação de Surdos, para a qual foi solicitado um trabalho a ser realizado em uma escola que trabalhe com esses alunos. Em função disso, tive a experiência de observar uma turma de Educação de Jovens e Adultos, de alunos surdos, no Centro Municipal de Educação de Trabalhadores – CMET Paulo Freire, localizado em Porto Alegre/RS.

Vi como destaque nos alunos, a alegria por estarem em aula, como se naquele espaço pudessem ter a realização de algo que foram privados de realizar anteriormente. É na sala de aula que interagem e conhecem seus direitos e se sentem parte de uma cultura e comunidade surda.

Foi apenas uma noite de convivência com esta turma da Totalidade 1, mas essa experiência me surpreendeu, encantou e principalmente fez eu ter diversos questionamentos em relação a educação de jovens e adultos surdos.

Enquanto observava, tentava compreender o motivo de estarem ali, tendo aulas até tarde da noite, estando longe de seus familiares, após um dia inteiro de trabalho. Para minha surpresa, todos demonstravam muito interesse por estar em sala de aula, aprendendo e interagindo com os colegas e a professora.

Ver a dedicação da professora titular me encantou, inspirou e emocionou muito. Tive que quebrar alguns preconceitos que tomavam meus pensamentos em relação à educação de surdos e imagino que em função disso minhas surpresas e aprendizagens foram tão sentidas.

Ao conversar com a professora titular, questionei-a sobre muitas características que tinha curiosidade em relação à EJA e a sua turma de educação de surdos. Por exemplo, o motivo de estarem ali, já adultos, o que na minha concepção não tinha muita lógica, até compreender que as pessoas têm motivos diferentes e finalidades diferentes das minhas. Culturalmente estudei para chegar a uma faculdade, e assim ir crescendo profissionalmente, mas quais as perspectivas daqueles alunos?

Fui provocada a rever minhas concepções e levada a fazer outros questionamentos ao ler autores indicados pela minha orientadora. Com tais leituras, surgiram outros questionamentos, como: Quais as legislações que asseguram os direitos dos surdos? São conhecidas por eles? São seguidas pelas instituições de ensino?

Comunidade e cultura surda também foram temas que me chamaram a atenção, e que tive interesse em compreender melhor. A leitura do livro *COMUNIDADE: a busca por segurança no mundo atual*, de Zygmunt Bauman (2003) esclareceu um pouco dos meus questionamentos em relação a noção de comunidades, mas me deixou ainda mais instigada por este assunto, principalmente quando Bauman explica que:

Nenhum agregado de seres humanos é sentido como “comunidade” a menos que seja “bem tecido” de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa. (2003, p. 48)

Partindo dessa experiência e discutindo com a minha orientadora, chegamos ao meu questionamento central, e que me inquietou desde o momento que entrei na escola observada: *quais os sentidos da escola para aqueles jovens e adultos surdos?* Observar aquela turma, com alunos de idade entre 32 e 76 anos despertava em mim esse questionamento a todo o momento me levando a escolha desta temática para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Partindo do questionamento central, realizei entrevistas com alguns alunos da Escola de Surdos Bilingue Salomão Watnick, uma escola Municipal de Ensino Fundamental - localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Os alunos escolhidos são da Educação de Jovens e Adultos, do turno noturno, e com eles pude dialogar sobre os sentidos da escola em suas vidas.

Estes diálogos foram realizados em língua de sinais, com a presença da intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais), Janaína Viegas, que atua na UFRGS. Pelo fato de eu não ter tido interesse pela educação de surdos até o 7º semestre do Curso de Pedagogia, não realizei qualquer curso de Língua de Sinais tendo, por isso, a necessidade de intérprete.

Fica claro que meu interesse iniciou com a disciplina eletiva, já citada anteriormente, e que por fim, me ensinou e principalmente despertou em mim esse encantamento que hoje sinto pela Educação de Surdos e sua história de lutas e conquistas.

Após realizadas estas entrevistas, apresento os caminhos metodológicos e posteriormente o relato dos alunos, para finalmente analisá-los com os embasamentos teóricos necessários.

3 – COMUNIDADE E CULTURA SURDA

Durante a graduação me deparei com adversidades que me faziam refletir sobre diversos aspectos, e é isso que me fez ir atrás de leituras que me esclarecessem determinados conceitos, que ainda não havia esclarecido para mim. Essa busca me engrandeceu e me fez compreender aspectos importantes para o meu trabalho, que explico nos subcapítulos a seguir.

3.1 COMUNIDADE E CULTURA SURDA

Comunidade e cultura surda são dois conceitos que conforme realizava leituras acerca destas temáticas ia percebendo o quanto são importantes na constituição do sujeito surdo, Giordani (2003, p.18) explica que

O conceito de cultura que marca a escolha do referencial (Stuart Hall, 1997a; 1997b; 1999) fundamenta-se no entendimento de cultura como um processo, um conjunto de práticas com a produção e o intercâmbio de significados entre os membros de um grupo e, para este trabalho, o grupo é representado pela comunidade surda. Neste sentido, compreende-se os significados culturais como organizadores e reguladores das práticas sociais, influenciando nossas condutas e conseqüentemente tendo efeitos práticos no cotidiano.

A condição de jovem ou adulto retomando os estudos já mostra a vontade destes sujeitos que um dia tiveram que deixar de estudar por algum motivo (seja por ciúmes do marido, por ter que cuidar da casa, ter que sustentar a família e por isso trabalhar, enfim, tantas são as histórias que escutei), de retornarem à escola. Esta retomada me pareceu, em muitos momentos, uma luta muito grande para poderem estar na escola novamente. Jovens e Adultos que retornam aos estudos para mais uma tentativa, entre tantas já vividas, de viver em um lugar sua própria língua, a cultura de sua comunidade e que acreditam que, talvez, desta vez seja possível (GIORDANI, 2003, p. 21).

O excerto que segue, aborda como principal temática a cultura surda na contemporaneidade. Nele, a autora apresenta questões que subjetivam o ser-surdo, de reivindicação acerca do reconhecimento dessa cultura, a busca pela definição dessa comunidade e enfim, inscreve o conceito de cultura surda no plano teórico.

A cultura surda vem atuando como um conceito fechado e universal, tomando significado de língua, essência, experiência visual, tradução cultural, língua, entre tantos outros. Entretanto, essa busca por definição, por conceituação, paralisa-nos, deixa de nos fazer pensar no irreal, no devir.

[...] Ao longo da história dos surdos, várias denominações que contemplam uma essência surda foram surgindo: “jeito surdo”, “experiência visual”, “coisas próprias dos surdos”, que funcionam para descrever a diferença\essência surda. Há cerca de, no máximo, 30 anos, surge no Brasil a ideia conceitual de “cultura surda”, que agrega esse essencialismo e que parece ter caráter mais científico e legítimo do que os termos anteriores, tanto nas discussões acadêmicas quanto na construção da identidade surda. (GOMES, 2011. p. 124)

As discussões acerca da cultura surda são vistas de diferentes formas, inclusive a própria comunidade surda diverge em relação a esse assunto. Não é possível que exista uma única forma de viver para toda uma comunidade, ainda que tenham a característica da surdez em comum.

Ao ler textos que tratam sobre o princípio das manifestações para que a língua de sinais fosse reconhecida e valorizada, luta empreendida pelos surdos nos anos de 1990 no Brasil, bem como as propostas do movimento surdo por uma educação escolar com professores fluentes em língua de sinais e outras necessidades, penso que havia maior união dos surdos. Em algumas leituras realizadas, enxerguei lutas para necessidades semelhantes, e a história das manifestações desta comunidade mostrava isso.

Conforme estudado durante a graduação, os debates contemporâneos alcançam mais os surdos, no sentido de existir maior participação deles nas discussões que pautam os seus direitos.

Acredito ser cultural o fato de querermos conceitualizar as coisas, principalmente por ser algo desconhecido, e queremos então encaixar o significado das palavras a algo que já conhecemos. Fechar um conceito engessa os significados, por isso a autora da citação acima, questiona a necessidade dos surdos defenderem e explicarem a cultura surda. Gomes não estava interessada em dizer se a cultura surda existe ou não, mas buscou entender porque ela se tornou um imperativo, uma necessidade para a comunidade surda, concluindo que a afirmação da cultura surda é uma necessidade para o reconhecimento político da surdez como diferença. Mas o sujeito surdo não é único, não tem sempre as mesmas ideias, não segue uma mesma\única cultura. Enfim, não é possível formar um conceito universal sobre identidade e cultura surda. Assim, se torna difícil definir a cultura ou comunidade surda, pois não é única, ou seria possível definir a cultura ou comunidade ouvinte?

Comunidade surda e cultura surda andam juntas, uma completa a outra, e são fundamentais para os jovens e adultos surdos que buscam na escola a troca de experiências, vivências, costumes, e principalmente língua, afinal,

Para que se torne possível partilhar códigos culturais, é preciso que os membros de um grupo, de uma comunidade venham a partilhar conceitos, imagens, ideias, possibilitando que pensem e sintam o mundo, interpretando-o de maneira mais ou menos parecida. Neste sentido, pensar e sentir constituem sistemas de representação e, para que se possa comunicar estes significados a outras pessoas, é preciso compartilhar de um mesmo código linguístico. Na escola de educação de surdos, assim como nas escolas que atendem classes populares, meninos e meninas em situação de rua, jovens e adultos com histórico de marginalização social, observa-se um deslocamento entre o texto do professor e as histórias de vida de seus alunos. (GIORDANI, 2003, p. 49)

O sentimento de pertencer a um grupo de semelhantes nos tranquiliza, faz que nos sintamos parte de algo, integrantes de um lugar de onde não somos excluídos, pois formamos uma comunidade e temos cultura própria.

3.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PARA SURDOS

Conceitualizando a educação de jovens e adultos, que pelos mais diversos motivos evadiram das instituições em idade escolar, cito Freire (2006, p.15), quando esse esclarece que:

O conceito de Educação de Adultos vai se movendo na direção do de Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas no procedimento didático e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade.

É necessário que exista certa adaptação de conteúdos de acordo com as necessidades dos alunos jovens e adultos, retomando em sala de aula assuntos recorrentes no dia-a-dia, para que haja maior estímulo na busca pelo espaço escolar.

Os alunos da educação de jovens e adultos surdos tem características similares aos alunos de EJA ouvintes, mas as diferenças apontam para os motivos que os fizeram evadir das escolas em que estudaram em turmas comuns com alunos ouvintes. Os três alunos

entrevistados relatam que na sua infância estudaram em escolas comuns, onde eram os únicos surdos em uma grande turma de ouvintes. Sobre isso, Cleusa relata

“A minha mãe ela me levava pra escola de ouvintes e eu ia né, e os ouvintes falavam e eu ficava sozinha num canto, e tinha muitos meninos que falavam comigo, e riam de mim, eu dizia ah eu sou surda, não escuto, e eles ah é ela é surda, daí faziam gestos, e eu olhava e deixa né. Eu falava professora olha aqui, eles tão rindo de mim, e a professora o que o que, não entendia nada, e ela me desprezava porque ela também não entendia nada do que eu tava falando, daí depois eu ia pras aulas, e bateu, eu dizia bateu? E as crianças todas saíam correndo, e eu ia atrás né pra ver o que era, daí eu vi que começou a aula, e eu sentava, e a professora só ficava falando, eu não escutava nada, todo mundo levantava a mão, e eu não levantava a mão porque eu não entendia nada, eu só ficava quieta escrevendo ali né, depois acabava as 5 horas e eu ia pra casa, e eu não sinalizava nada, eu só falava algumas coisas, eu só falava algumas palavras, depois eu fui crescendo e com 9 anos eu não fui mais pra escola, não quis mais, larguei, a minha mãe disse vamos pra escola, e eu disse não, não quero ir pra escola, porque eu não aprendia nada, então não adiantava.”

Os jovens e adultos surdos carregam consigo um histórico que influencia diretamente na retomada aos estudos, pois foram privados de aprender na escola, sendo necessário que parassem.

Existe muito preconceito em relação a EJA. O senso comum vê esse tipo de educação como uma forma superficial de ensinar aqueles que tiveram “preguiça” de estudar anteriormente. Ou até mesmo veem a educação de jovens e adultos como marginalizada.

Pensar que a educação destes alunos pode torna-los críticos e bem sucedidos profissionalmente é qualidade de poucos. Freire (2006, p.16) explica que:

[...] são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir, com a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feito, por um saber mais crítico, menos ingênuo. O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele.

Acredito que o sujeito ouvinte também busque a escola com o sentido de conviver em grupo, assim como percebi esta característica muito presente nas entrevistas que realizei com os surdos. Existe um sentimento de proteção e acolhimento que muitas vezes estes alunos talvez não sintam fora do espaço escolar, e percebi que os sujeitos surdos sentem falta da

relação com outros surdos. Sobre isso, Lopes (2007, p. 10) escreve que os sujeitos surdos podem ser entendidos como:

Sujeitos culturais que, por não nascerem territorialmente próximos (WRIGLEY, 1996), necessitam ser aproximados uns dos outros. Tal aproximação tem se dado, geralmente, nas escolas e, mais recentemente, nas associações de surdos.

Tal colocação nos faz perceber o quão importante é a Educação de Jovens e Adultos Surdos, pois é na escola que esse sujeitos aprendem, trocam experiências, ajudam os colegas, vivem em comunidade e se identificam com a cultura surda, criando suas próprias identidades como sujeitos surdos.

4 – METODOLOGIA

Como já colocado anteriormente, para esta pesquisa faço uma reflexão teórica, através do levantamento bibliográfico de textos que abordam a temática proposta, juntamente de uma pesquisa empírica, feita através de entrevistas semiestruturadas com os alunos de uma escola bilíngue para surdos.

Para que fosse possível realizar as entrevistas, fui até a escola Salomão com minha orientadora, que me apresentou a diretora com quem tive o primeiro contato. Em uma conversa rápida, apresentei minha proposta para que pudessem compreender meu trabalho e então concordarem com a minha pesquisa na instituição.

Neste diálogo inicial, a diretora da instituição relatou que este espaço foi conquistado pela comunidade surda junto à administração municipal. Sendo assim, em votação no Orçamento Participativo a instituição foi criada. Fui surpreendida com esta fala, pois com isso percebi a luta da comunidade surda pelos seus direitos. Thoma (2012, p.93) esclarece em relação a estas lutas, que:

[...] os surdos constituem uma comunidade linguística e cultural minoritária, constituída por sujeitos que possuem uma cultura visual, para o entendimento e apreensão do mundo. A comunidade surda luta, principalmente, por seus direitos linguísticos e culturais e por uma educação bilíngue que reconheça a LS como primeira língua na educação das crianças surdas e a língua portuguesa, no caso do Brasil, na modalidade escrita, como segunda.

Presenciar estas lutas da comunidade surda confirma ainda mais que é necessário o reconhecimento para que se propague cada vez mais a cultura surda. Assim, terão seus direitos mais claros e possíveis de serem realizados.

Dando continuidade a minha pesquisa, recebi o de acordo da Instituição para com o que propus e agendamos outro dia para que eu pudesse observar a turma pretendida. Observando, escolhi os alunos que em minha opinião, tinham as características mais distintas uns dos outros, para que pudesse fazer as entrevistas e posterior análises.

No dia da observação, ao chegar à sala de aula encontrei as três turmas juntas, Totalidade 1, 2 e 3, para assistir o filme *A guerra do fogo*. Este é sem fala, apenas com imagens e comunicação por gestos, um filme interessante, que exige nossa interpretação e concentração para tal. Conforme os principais acontecimentos passavam, as professores paravam o filme e explicavam, questionando e instigando os alunos.

No intervalo desta aula conversei com a Professora Carmem Gemelli, titular da turma em que realizei o trabalho, e expliquei como pretendia executar as entrevistas. Logo, determinamos os possíveis alunos a participar, que são Hélio e Cleusa da Totalidade 2 e Ane Elise da Totalidade 3. Isso feito, mantivemos contato por e-mail para agendar as entrevistas, conciliando a disponibilidade dos alunos e a intérprete.

A Professora Carmem solicitou o meu projeto para explicar aos alunos entrevistados a finalidade deste trabalho, e também explicou que seriam filmados. Em função disso, deveriam assinar um termo de consentimento, caso aceitassem participar.

Então, no dia 10 de maio de 2013 as entrevistas aconteceram. Chegando à escola e me dirigindo a turma, fui recebida com sorrisos e uma grande alegria por parte dos alunos. Foram muito receptivos comigo e a intérprete, percebíamos a animação deles em participar deste trabalho.

Expliquei a turma que era uma pesquisa para saber sobre a vida escolar deles, disse que seriam filmados e que caso não aceitassem tal proposta era apenas dizer, pois não haveria problema. Perguntei qual se disponibilizaria primeiro, e todos queriam, mas iniciei a proposta com a Ane Elise, posteriormente com a Cleusa e por fim com Hélio.

Durante as entrevistas tive os mais diversos sentimentos. Escutar os relatos me fazia compreender muita coisa em relação a comunidade surda. Escutar os motivos pelos quais tiveram que sair da escola em idade escolar, e o preconceito que sofriam em sala de aula com os colegas ouvintes, me emocionaram e indignaram.

As falas insistentes que diziam sobre as experiências frustrantes na escola me deixavam perplexa.

É, e eu nunca aprendi nada, nunca. (Quando perguntada em relação a se a escola que estudava quando era pequena a ensinava a oralisar)
Cleusa

Os ouvintes falavam e eu ficava sozinha num canto, e tinha muitos meninos que falavam comigo, e riam de mim. Cleusa

Eu larguei a escola porque eu não aprendi nada. Cleusa

Eu batia, eu olhava e não gostava, não me sentia bem, achei melhor parar e a professora entendeu. Ane Elise

A aceitação da situação pelos seus professores na época em que estudavam era de não haver preocupação nenhuma se os alunos surdos aprendiam ou não. O que influenciou diretamente no retorno desses alunos para a sala de aula, já adultos? Entendi que isso aconteceu porque querem ter a chance de aprender o que não puderam nas suas infâncias.

Realizadas as entrevistas e as leituras sobre como desempenhar minha pesquisa, aprendi que:

O objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista. Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas. Aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes.[...] Tendo avaliado as informações desta fase, a segunda fase pode, então, focar categorias específicas de entrevistados que pareçam ser particularmente interessantes. Finalmente, sejam quais forem os critérios para a seleção dos entrevistados, os procedimentos e as escolhas devem ser detalhados e justificados em qualquer tipo de relatório. (GASKELL, 2002, p. 70)

Existia certa preocupação em relação a pequena amostragem que eu teria para realizar as entrevistas e poder analisá-las, mas percebi que aprofundando os questionamentos e me dedicando a analisar minuciosamente as respostas obtidas, seria possível sim realizar uma pesquisa com resultados satisfatórios, possíveis de análise.

Assim, entrevistei 3 alunos da educação de jovens e adultos surdos e consegui dar maior atenção aos detalhes durante os questionamentos. Consegui criar certa aproximação dos sujeitos entrevistados, podendo assim fazer com que se sentissem mais a vontade comigo, e consequentemente em responder o que eu perguntava.

Após a realização das entrevistas, que foram gravadas e filmadas, as transcrevi. Foi um processo demorado, pois cada entrevista teve em torno de 30 minutos de vídeo. Estas transcrições estão em anexo. Li e reli inúmeras vezes, até definir a forma como iria agrupá-las. Enfim, decidi unir em grupos com sentidos da escola parecidos. Por exemplo, um grupo com respostas que apontavam para o sentido de convivências com seus semelhantes, outro como preparação para o futuro, entre outros, que estão especificados no capítulo 5 deste trabalho.

Escutar as histórias, os momentos de emoção, as alegrias e as tristezas são muito significativos para a minha pesquisa. Sobre estas experiências, Andrade (2012, p.175) explica que:

Tais experiências constituem-nos e são produzidas e medidas no interior de determinados espaços como a escola ou os espaços que remetem às experimentações nela conhecidas ou, ainda, no interior de determinadas práticas sociais. As entrevistas não permitem dizer uma ou a verdade sobre as coisas e os fatos, mas pode-se considerá-las como a instância central que, somada a outras, traz informações fundamentais acerca do vivido e possibilita uma interpretação (mesmo que provisória e parcial) dos motivos que fundamentam a exclusão de meninos e meninas da escola nos primeiros anos de escolarização.

As narrativas fazem parte das experiências de cada aluno e constituem a história deles, que é uma produção social, cultural e política.

O embasamento teórico me auxiliou durante todo processo de entrevistas e principalmente na análise dos dados obtidos e foi fundamental para o agrupamento das respostas e posterior análise das mesmas que serão apresentadas no próximo capítulo.

5 – SENTIDOS DA ESCOLA PARA OS JOVENS E ADULTOS SURDOS

Analisando as falas dos entrevistados, tentei compreender os sentidos da escola para estes alunos, interpretando as longas conversas que foram transcritas e categorizando-as conforme apresento a seguir.

5.1 TROCANDO EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Os sentidos da escola para os entrevistados apontam para a busca de seus semelhantes, querendo participar, aprender a ler, escrever, sinalizar entre outros. Esta foi a característica que teve maior incidência. Os surdos tem a escola como espaço de convivência, um lugar onde têm com quem compartilhar as experiências de vida, e principalmente onde podem conhecer outros surdos. Ane Elise deixa isso claro ao ser questionada em relação às mudanças que teve em sua vida ao retornar para a escola:

“Agora a minha vida ta boa, porque antes era eu e a Cleusa (colega) e mais um outro menino, um outro amigo surdo, só nós 3, e eu quero conhecer mais né, mas tem que ter paciência, tem que estudar bastante, antes, lá no centro que eu estudava, tinha muitas pessoas, uma sala grande, agora é uma sala pequena, são poucos alunos, são só 3.”

A Cleusa afirma esta ideia:

“...eu preciso estudar, eu quero conhecer mais surdos, muitos surdos, porque eu preciso de amigos pra conversar, preciso que eles me ajudem, como aprender a ler... aqui é muito pouco surdos, eu queria outra escola que tivesse mais terceira idade, que tivesse mais surdos, pra me ajudar também, eles ajudam a gente...”

Ser surdo exclui estes alunos de uma normalidade que estamos acostumados a conviver, por a comunidade ouvinte ser grande maioria, é pensado que ser diferente os torna menos capazes de algo. Sobre isso Thoma (2012, p. 87) explica que

Ser surdo é uma condição plural, e as identidades surdas podem ser tantas como podem ser qualquer outra. Uma língua só pode ser utilizada em contato com outros sujeitos, portanto, em comunidade. Em comunidade, valores e experiências são compartilhados e vão engendrando modos de ser e estar no

mundo, e esses valores e experiências constituem aquilo que chamamos de cultura. Em um contexto cultural comunitário, identidades ou modos de ser surdo são constituídos.

A convivência com os colegas faz com que se sintam parte de uma comunidade, da qual podem nunca ter participado até então. Percebi no relato da Cleusa, que a falta de sociabilidade gerou nela o pensamento de que quase não existem surdos.

“Porque eu não pensava, eu ficava em casa, eu não pensava, não tinha nada no que pensar, eu não sabia muita coisa, daí a minha amiga falou pra mim tu precisa voltar estudar numa escola de surdos, Perguntei: tem muitos surdos? Ela disse tem, e eu nunca vi, não conhecia, nem escola de surdos, e ela disse vem, vamos lá, e eu disse não sei, eu não sou inteligente, eu não sei, eu não sei nada, mas eu pensei assim, ai, e minha amiga veio junto comigo, e eu olhei, em 2007, daí eu comecei, eu vi os surdos, os surdos velhos, terceira idade, e eu gostei muito, daí eu falei pra professora que eu não sei, eu não sou inteligente, eu não sei ler, e ela falou, não tem problema, agora, eu com a idade que eu tenho, 49, eu tenho 49, e eu nunca aprendi, e eu fico triste com isso (começa a chorar um pouco), porque eu quero aprender, eu quero aprender a ler os ônibus, pra passear, pra saber o nome dos ônibus, eu não sei quando eu vou passear, eu não sei o nome dos ônibus, eu só sei o número, a 1, 2, ah, eu acho que é esse, daí eu vou pra lá, eu vou pro centro, mas eu não conheço muito Porto Alegre, pra viajar pra Porto Alegre eu quase nunca venho, mas a minha amiga me ajudou, ela me mostra, me ensinou, eu fiquei muito parada em casa, minha cabeça fica parada, eu nunca aprendi a ler, nunca aprendi, e eu quero aprender, porque eu tenho filhas né, eu tenho 3 filhos, eu sou avó já, então... (enxuga um pouco as lágrimas)”

No decorrer das entrevistas, percebi que a evasão escolar destes alunos, em idade escolar, tem relação com o tipo de ensino que recebiam, eles eram ensinados da mesma forma que os ouvintes e sofriam com isso, pois não escutavam as professoras, e como consequência disso, não aprendiam. Cleusa esclarece minha percepção ao dizer que:

“...quando eu era pequena eu nunca estudei com surdos... minha mãe nunca me colocou em uma escola de surdos... e a professora falava, e eu surda não entendia nada, eu só copiava, eu não entendia nada. Agora, depois que eu cresci, quando era nova eu parei de estudar, e agora, eu já com idade avançada eu voltei a estudar. Eu vi que tem bastante surdos, crianças surdas, e eu vejo ai que lindo, ai eu me lembro a minha mãe nunca me colocou em uma escola, e eu queria muito, antigamente ir em uma escola de surdos que nem os pequenos

que eu vejo, pra aprender, pra ver, e eu me lembro isso quando eu vejo né, e a minha mãe nunca me ajudou nisso”

Os três alunos entrevistados estudaram em escolas de ouvintes na sua infância, e a fala da Cleusa reforça ainda mais minha ideia de que foi um grande desestímulo permanecer na escola com estas experiências vividas:

“A minha mãe ela me levava pra escola de ouvintes e eu ia né, e os ouvintes falavam e eu ficava sozinha num canto, e tinha muitos meninos que falavam comigo, e riam de mim, eu dizia ah eu sou surda, não escuto, e eles ah é ela é surda, daí faziam gestos, e eu olhava e deixa né. Eu falava professora olha aqui, eles tão rindo de mim, e a professora o que o que, não entendia nada, e ela me desprezava porque ela também não entendia nada do que eu tava falando, daí depois eu ia pras aulas, e bateu, eu dizia bateu? E as crianças todas saiam correndo, e eu ia atrás né pra ver o que era, daí eu vi q começou a aula, e eu sentava, e a professora só ficava falando, eu não escutava nada, todo mundo levantava a mão, e eu não levantava a mão porque eu não entendia nada, eu só ficava quieta escrevendo ali né, depois acabava as 5 horas e eu ia pra casa, e eu não sinalizava nada, eu só falava algumas coisas, eu só falava algumas palavras, depois eu fui crescendo e com 9 anos eu não fui mais pra escola, não quis mais, larguei, a minha mãe disse vamos pra escola, e eu disse não, não quero ir pra escola, porque eu não aprendia nada, então não adiantava.”

A sensação de ter frequentado a escola na infância e não terem aprendido nada é muito presente nas histórias dos alunos. Quando questionei a Cleusa em relação em relação ao que aprendeu na educação escolar que teve na infância, ela respondeu:

“Nada, nada, nada. Fiquei na mesma, a professora dava papel, fazia olha, e eu olhava ali e fazia, não adianta, pensava, minha cabeça ficava pesada, eu dizia ah não sei, e a professora dizia, mostrava, esse aqui, igual esse, ah tá, daí eu olhava, copiava, e olhava pro quadro, e chamava ela, o que é isso? E ela dizia, A, B, C, mas eu não sabia, e eu não entendia nada, eu não sabia muito, era muito pouco.”

Pelos relatos dos alunos percebi que agora aprendem, estão em sala de aula compartilhando conhecimento e a cultura surda com os colegas. O sujeito surdo se constitui e se sente parte de uma comunidade neste espaço escolar. Perlin (2004, p.77) escreve que:

A cultura surda é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado. É o caso de ser surdo homem, de ser surdo mulher, deixando evidências de

identidade, o predomínio da ordem, como, por exemplo, o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc.

Acredito que seja necessário maior divulgação da existência da educação de surdos, das instituições que tem estas turmas, e como elas funcionam. Existe uma memória próxima que nos lembra da educação especial, onde as pessoas que fugiam dos parâmetros da “normalidade” eram colocadas em turmas de alunos com as mais diversas deficiências, inclusive os surdos. Mas a proposta atual para a educação de surdos é diferente desta que existia, é uma Educação Bilingue. Segundo Thoma (2011, p.01)

O bilinguismo educacional para surdos defende que as crianças surdas tenham acesso à língua de sinais o mais cedo possível, através do contato com outras crianças surdas e com adultos surdos para a aquisição natural da língua e para o desenvolvimento de uma identidade surda, sendo a surdez entendida, nesse contexto, como uma identidade cultural e não como uma falta ou deficiência a ser recuperada. A língua portuguesa escrita, na educação bilíngue para surdos, é considerada como segunda língua, através da qual a criança surda se tornará letrada e fará o registro do conhecimento contruído na escola.

Com a educação bilíngue, a situação de evasão escolar desses alunos surdos diminuiria consideravelmente.

Ao descobrir a educação de jovens e adultos para surdos, Cleusa incentivou a amiga Ane Elise a retomar os estudos, e relata

“A gente é amiga, a gente mora na Restinga. Eu moro perto da casa dela. Porque eu convidei ela, ela também era igual eu, cabeça pequena, não sabia muitas coisas, eu disse tem surdos lá no centro, lá tem uma escola de surdos, vamos lá juntos, eu sou igual tu, não sei nada, e ela pensou e disse ah então eu vou. Eu olhei, olhava as escolas, daí eu vi, eu gostei muitos surdos, que legal, bonito, daí eu fiz muitos amigos, muitas mulheres me convidaram pra entrar, vem aqui, estudar aqui, falavam pra mim, qual série tu tem, e eu não tenho nada, agora to na segunda série, e preciso aprender um pouco, aos poucos né.”

Essa é a convivência que percebi sentirem falta, os alunos entrevistados demonstram a todo momento querer participar e fazer parte de uma comunidade.

Essa convivência com outros iguais é necessária, e pode mudar a vida desses alunos de forma muito significativa. Grande exemplo disso é a resposta da Cleusa quando questiono onde aprendeu a língua de sinais

“Eu comecei aprender, não foi aqui nesse colégio não, porque eu casei com um ouvinte, me separei do pai das minhas três filhas, depois eu, nós brigamos, fui na policia, fiz denuncia, que ele incomoda, depois eu encontrei um surdo, o Paulo, eu disse oi, eu conheço, ele é jovem, eu me lembro dele, depois ele perguntou pra mim tu ta casada, eu disse não eu me separei. Daí depois a gente conversou, ele disse tu pode vir quarta no centro, pra se encontrar comigo, e eu ah legal, vamos conversar, daí ele pediu pra morar junto comigo, e eu pensei né, olha, eu tenho três filhas, ele não tem filhos, daí eu falei pra ele tenho três filhas, daí eu fiquei junto com ele, morei com ele alguns anos, 8 anos, agora ele morreu, ele que me ensinou a língua de sinais, foi ele que me ensinou. Ele fazia carteira de ônibus que eu não conhecia, eu dizia, ah eu não conheço, daí vamos de porto alegre, pra gente passear, pra gente viajar, ele me ajudou muito, ele era muito bom, me ajudou bastante, gostava das minhas filhas, da minha neta. E agora, depois ele ficou doente, com câncer, ficou no hospital, emagreceu, e morreu. Ele bebia muito também né.”

Isso afirma o fato de que o compartilhamento de ideias, experiências e a convivência é extremamente importante para o conhecimento da cultura surda e, assim como uma vida em comunidade.

5.2 O DIA-A-DIA E O FUTURO

O futuro é outro sentido comum ao público da EJA, é uma preocupação que foi encontrada com menor incidência nas respostas obtidas, comparando com o sentido anterior, mas significativo para as práticas utilizadas pelos professores destes alunos em sala de aula. A Ane Elise fala sobre isso

“Tem que estudar, pra crescer, aprender, é muito bom, precisa. Sempre aprender mais. Daí eu vou aprendendo matemática, pra mexer com dinheiro, porque eu não sei muito, matemática eu não sei muito, então precisa... Pro futuro, pra eu ir pra quarta série eu preciso aprender, não posso ter preguiça... eu tenho que participar, vir sempre nas aulas e estudar bastante, toda semana.”

Em várias respostas dadas por esta entrevistada, ela reafirma essa preocupação com o futuro, e principalmente da necessidade que ela tem de aprender para o seu dia-a-dia

“Eu recebo seguro. A minha mãe tinha uma aposentadoria, então é só pra comer, e eu não sei, minha filha que vai comigo e me ajuda, porque eu não sei digitar a tecla lá do banco. Eu quero estudar mais, quero continuar estudando, quero ir pra quarta. Quero estudar, matemática, quero fazer as contas que é difícil, pra contar, fazer as contas, um que é mais, somar, um que é menos, o que tira, daí ela me ensina, tu tem que tirar, daí eu somo, ela me ensina essas coisas, tenho que treinar e aprender bastante, porque eu não sei, dinheiro é difícil pra mim, eu tenho que treinar bastante, saber, estudar bastante, porque dinheiro eu tenho que saber quanto que tem, quanto eu tinha, dei pro ônibus, daí eu vou comprar material. É porque eu parei muito tempo, olha essa folha (pega uma folha com letra de imprensa), eu não vou entender nada, essas palavras aqui eu não conheço, eu só conheço... (Escreve “pia” e fala). Eu só conheço essa. “

Nos relatos percebi grande dificuldade de locomoção destes alunos pela cidade de Porto Alegre, demonstraram que tiveram que decorar o nome do ônibus que pegam para ir até a escola, ou até outro local que costumam ir, pois não sabem ler, e é necessário aprender e encontrar uma forma diferente de identificar o transporte que usam.

Hélio fala sobre o sentido que a escola tem para ele

“Eu estudo, aprendo, com calma, copio, copio, tenho que aprender, tenho que ir pra segunda né. Eu aprendo, eu mudo as coisas, eu conto, depois estudo, e troco, depois eu faço de novo, copio, pra ir pra segunda né. Pra ir pra terceira eu tenho que estudar bastante, daí depois acabou e já terminou, depois tem que trocar outra.”

Os três entrevistados falam que devem estudar para ir para a série seguinte. É uma característica que me chamou atenção, pois almejam chegar ao próximo ano, passar e ir adiante. Mesmo durante a EJA alguns alunos tiveram que se afastar da escola por motivos pessoais, como o narrado pela aluna Ane Elise

“Antes, eu parei de estudar, e não aprendia nada, eu parei, eu era muito pequena, daí eu fui crescendo e eu fui pra escola, daí eu tinha 13 anos, não, 14 anos, uns 15, e eu parei mais ou menos, daí depois eu tive filhos, cresceram, daí a Cleusa me ajudou, porque eu me separei, eu sofri, ele casou com outra, engravidou outra mulher, daí foi pra lá e eu não quis mais e eu tive coragem de voltar estudar e isso é muito bom. Educação, felicidade, pra estudar, pra aprender tudo. Eu gosto da Professora Carmem. Não pode ter preguiça, tem que estudar, se esforçar, ter muito esforço e participar de tudo, terça, quarta, quinta e sexta, daí eu venho estudar. Meu marido dizia que não, que eu não podia estudar, tinha ciúmes. Daí eu me separei e a Cleusa me ajudou, disse vem, vamos estudar, e como eu tava sofrendo

também por causa da separação, eu pensei, eu prometo que vou voltar estudar e voltei. Daí abriu mais, antes, eu não sabia muito, ficava sempre parada, fazendo a mesma coisa. E agora que eu me separei eu me visto melhor, fico mais bonita eu me pinto, é muito bom, estudar é muito bom. Agora eu não quero mais saber dele, ele tinha ciúmes de mim, e agora eu to estudando e isso é muito bom. Antes eu ficava em casa, fazendo nada, ele dizia que eu não podia sair, e agora que eu me separei, eu tenho que passear, e isso é bom. Passear abre mais os horizontes, a gente aprende, a Cleusa me ajuda, eu to com sorriso melhor agora, to mais animada, e to mais feliz agora (solta uma risada). A minha família vê que agora eu to saindo mais, que eu to brincando mais.”

Também a aluna Cleusa

“Antes em 2007 eu parei também, porque na minha casa tinha problemas, marido que é ouvinte brigando, muitos problemas. Daí eu me separei de um ouvinte, mas agora eu tenho a minha filha, que ta envolvida com drogas, e eu to triste, choro, e eu moro junto com a professora Carmem, eu to morando junto com ela, eu to trabalhando pra ela, então ela me ajuda. Agora eu fico na casa dela na segunda, terça, quarta, quinta e sexta, e hoje (sexta) eu vou pra restinga, mas eu fico com saudade da minha filha, eu tava quase chorando de saudade da minha filha.”

Essa privação existia também por uma segregação das pessoas que eram consideradas diferentes do dito normal. Skliar (2013, p.25-26) escreve que:

A educação dos surdos pode muito bem ser definida, ao menos em nosso continente, como uma história de impossibilidades. A impossibilidade de se falar para e pelos surdos, a impossibilidade dos surdos de falarem para e pelos ouvintes e por eles mesmos, e a impossibilidade dessas falas serem reunidas, visando à organização de uma política educacional que reconhece a diferença.

É uma cultura dos ouvintes pensar que pelo fato de os surdos não falarem e não escutarem são menos comunicativos. E por isso, acredito que a comunidade surda deve se unir cada vez mais para desmistificar essa ideia.

5.3 OUTRAS PERCEPÇÕES

Por fim, um agrupamento que abrange diversos sentidos, pois foram percebidos com menor frequência. Como é o caso de colocações feitas pelo Hélio, que durante muitas respostas cita a alimentação disponível na escola

“Lá no CMET não era muito bom, aqui a comida é melhor, o arroz é bom, eu gosto daqui, aqui é muito bom, eu como tudo aqui, o leite é muito bom, o leite... a banana eu não gosto, mas tem que estudar sempre, é bom estudar.”

A impressão que tive em relação a insistência desse assunto em suas respostas, é de que ele pode ter passado por dificuldades financeiras, tendo como consequência a falta de não ter o que comer em casa. Perguntei a ele o que fazia ele ir a escola, e ele respondeu:

“De noite as 6 horas, daí eu venho aqui e como, descanso um pouco e sinalizo um pouco.”

Outra característica que me chamou muito a atenção foi a declaração da Ane Elise quando ela narra que:

“Eu queria ouvir, eu queria falar, eu não gosto, mas com aparelho eu consigo falar um pouco, eu queria falar. Mas eu não ouço, eu queria ouvir, quando batessem palma, quando abrissem a porta, quando me chamasse e eu estivesse dormindo. A minha filha vem no quarto e diz, a tu não ouviu eu te chamar, e eu digo, a desculpa, eu não ouvi, e ela diz é verdade, mas eu to sem aparelho, mas eu sou surda, e ela ouve bem.”

Mesmo que o meu trabalho seja com ênfase na cultura e comunidade surda, e na importância destes conceitos para a educação de jovens e adultos surdos, acredito que seja relevante apresentar esta fala, que me demonstrou um desconforto em ser surda. Mas Ane Elise também mostra interesse na troca de experiências e convivência com os demais colegas surdos ao relatar que retomou os estudos

“Pra me estimular, pra aprender, pra ter educação, pra aprender bastante, eu preciso, isso é bom, pro meu futuro também, pra ir pra terceira série. Antes eu parei e eu não estudei nada, há muito tempo atrás, há muito tempo atrás, daí eu tive 3 filhos, nasceu os filhos, eu sofri muito, tinha fome, me separei, me ajudavam, diziam vai pro CMET, estudar no CMET, daí eu fui pro CMET, e agora no Salomão. E tá bom. Eu tenho que ser esforçada, não tenho que ter preguiça, eu tenho que abrir o conhecimento, tenho que ficar feliz, estudar bastante. Eu gosto de vir, de passear pra vir pra aula, eu gosto muito, gosto de aprender e estudar, matemática é difícil, mas no meu futuro, pra ir pra quarta série, daí precisa também.”

É possível que tenham outros sentidos que passaram despercebidos pela minha leitura e análise. Mas acredito que as características mais significativas tenham sido vistas, questionadas e teorizadas dentro das minhas possibilidades.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este trabalho foi a maneira mais significativa que encontrei de compreender o sentido que a escola tem para os sujeitos surdos da Educação de Jovens e Adultos. Essa foi desde o primeiro momento a questão que mais me intrigava, e hoje, muito mais esclarecida em relação a isso, ainda me questiono em relação a didática utilizada em sala de aula pelos professores destes alunos. Questão essa que não foi considerada pois ampliaria muito meu problema, mas que ainda pode ser pesquisada e melhor esclarecida para mim futuramente.

A compreensão do sentido que a escola tem para estes alunos pode auxiliar a entender a importância da comunidade e da cultura para os sujeitos surdos. Acredito que esse entendimento pode auxiliar no desenvolvimento de práticas mais significativas para esses sujeitos, questão essa que me refiro no parágrafo anterior.

Há muito que esclarecer ainda em relação a Educação de Surdos, Comunidade Surda e Cultura Surda. Esses são conceitos recentemente inventados e precisam ser disseminados para que as pessoas compreendam melhor sobre isso. Thoma (2012, p.97) cita que:

As escolas de surdos tem sido apontadas como o lugar onde as comunidades surdas emergem, e muitos as defendem como sendo de crucial importância para a educação bilíngue que reconheça a surdez como diferença linguística e cultural, pois é no encontro com outros surdos que as crianças surdas se percebem como diferentes e não como deficientes e inferiores. Quando isoladas e convivendo apenas com ouvintes, essas crianças tendem a se olhar e a se narrar de modo negativo, como sujeitos incompletos, deficitários, inferiores.

Por isso penso que é nas escolas que as lutas dos movimentos surdos iniciam, é nelas que nós como docentes devemos incentivar e estimular a comunidade surda a lutar pelos seus direitos. Perlin (2004, p.79) esclarece que:

Para o surdo, não é “tudo é cultura”, mas o que tem significado essencial para a constituição da existência tem a sua dimensão cultural, um significado, uma política. Isso porque a cultura é uma parte constitutiva do político, que, por sua vez, impõe os limites culturais.

É preciso fazer entender que cada pessoa tem as suas características, particularidades que quando não são da maioria também podem ser “normal”. De acordo com Giordani (2003, p.60)

Da mesma forma que as pessoas, pertencentes a uma mesma cultura, precisam partilhar um mapa conceitual semelhante, elas precisam também partilhar a mesma forma de interpretar os signos de uma língua\linguagem, pois só assim os significados podem estabelecer trocas entre as pessoas. Para entender os significados da representação destes sujeitos sobre o uso cultural da escrita, é preciso entender as representações constituídas, por esta sociedade, através da instituição escola.

Existe a necessidade da troca, do compartilhamento de ideias e pensamentos, da convivência com os iguais, de sentir-se parte de uma comunidade onde as pessoas ao seu redor tenham características semelhantes as suas. Isso tudo facilita a aprendizagem, a vontade de frequentar a escola.

7- REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. S. . A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso. (Org.). Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, v. 1, p. 173-194.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. Moacir Gadotti e José E. Romão (Orgs.). Educação de Jovens e Adultos: teorias, práticas e proposta. (8. Ed.). São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006. (p. 15-17).
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, (p. 64-89).
- GIORDANI, Liliane Ferrari. "Quero escrever o que está escrito nas ruas": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2003. (Tese de doutorado).
- GOMES, Anie Pereira Goularte. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Marcia Lise. CULTURA SURDA NA CONTEMPORANEIDADE: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. Ulbra, 2011. p. 121-135.
- LOPES, Maura Corcini. SURDEZ E EDUCAÇÃO. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PERLIN, G. . O lugar da cultura surda. In: Thoma. Adriana & Lopes, Maura. (Org.). A invenção da surdez: cultura, alteridade e Identidade e diferença no campo da educação de surdos. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004, v. , p. -.
- SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013 (p. 07-32).
- THOMA, Adriana da Silva . Representações sobre os Surdos, Comunidades, Cultura e Movimento Surdo. In: Maura Corcini Lopes. (Org.). Cultura Surda e Libras. São Leopoldo - RS: Editora Unisinos, 2012, v. , p. 87-100.

_____. Educação Bilingue para surdos no contexto da educação inclusiva. In: MORAES, Salete Campos de (Org.) EDUCAÇÃO INCLUSIVA: diferentes significados. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011. p. 129 - 139

ANEXOS

ANEXO A - Transcrições das Entrevistas

ANE ELISE

EU QUERO SABER SE TU GOSTA DE VIR A ESCOLA?

Gosto de vir a escola sim.

E TU GOSTA DE ESTUDAR TAMBÉM?

É, mais ou menos, ler eu não gosto muito.

NÃO GOSTA MUITO POR QUE?

É que eu não sei as palavras, o nome das palavras, eu não sei. É difícil. Eu to treinando, to estudando, pra aprender bastante.

O QUE TE INCENTIVOU A VOLTAR PRA ESCOLA?

Pra me estimular, pra aprender, pra ter educação, pra aprender bastante, eu preciso, isso é bom, pro meu futuro também, pra ir pra terceira série. Antes eu parei e eu não estudei nada, há muito tempo atrás, há muito tempo atrás, daí eu tive 3 filhos, nasceu os filhos, eu sofri muito, tinha fome, me separei, me ajudavam, diziam vai pro CMET, estudar no CMET, daí eu fui pro CMET, e agora no Salomão. E ta bom. Eu tenho que ser esforçada, não tenho que ter preguiça, eu tenho que abrir o conhecimento, tenho que ficar feliz, estudar bastante. Eu gosto de vir, de passear pra vir pra aula, eu gosto muito, gosto de aprender e estudar, matemática é difícil, mas no meu futuro, pra ir pra quarta série, daí precisa também. Não pode ter preguiça, preguiça não, eu tenho que me esforçar, terça, quarta, quinta e sexta. Sábado não tem, não tem aula. Segunda também não, segunda é a reunião aqui da escola. Terça tem aula, quarta tem aula, quinta tem aula e sexta tem aula. A professora ensina, a gente aprende muito. Antes, eu parei de estudar, e não aprendia nada, eu parei, eu era muito pequena, daí eu fui crescendo e eu fui pra escola, daí eu tinha 13 anos, não, 14 anos, uns 15, e eu parei mais ou menos, daí depois eu tive filhos, cresceram, daí a Cleusa me ajudou, porque eu me separei, eu sofri, ele casou com outra, engravidou outra mulher, daí foi pra lá e eu não quis mais e eu tive coragem de voltar estudar e isso é muito bom. Educação, felicidade, pra estudar, pra aprender tudo. Eu gosto da Professora Carmem. Não pode ter preguiça, tem que estudar, se esforçar, ter muito esforço e participar de tudo, terça, quarta, quinta e sexta, daí eu venho estudar. Daí agora a

gente veio pra cá né, agora tá crescendo mais, a gente tinha uma escola que tinha ouvintes juntos, e agora a gente veio pra cá, então a gente trocou e veio aqui pro Salomão, agora é só o Salomão.

O QUE QUE TU GOSTA DAQUI?

Eu gosto de tudo, tudo igual. Gosto muito daqui. (Responde sempre com sorriso no rosto, empolgada)

E O QUE NÃO GOSTA?

Eu gosto de tudo, eu amo tudo. Eu gosto, bom, muito bom. Tem que estudar, é bom pra estudar, pra crescer, pra aprender, é muito bom, precisa. Sempre aprender mais né. Daí eu vou aprendendo matemática, pra mexer com dinheiro, porque eu não sei muito né, matemática eu não sei muito, então precisa. A professora dá os parabéns, e fica feliz porque eu aprendo a contar, é muito bom. Pro futuro, pra eu ir pra quarta série eu preciso aprender né, não posso ter preguiça, parar e ter preguiça, eu tenho que participar, vir sempre nas aulas e estudar bastante, toda semana. Eu tava na segunda, daí eu vim pra terceira, depois eu vou pra quarta, mas eu tenho que estudar. A Cleusa ta na segunda, ela mora perto da minha casa, ela ta na segunda. Eu ajudo ela, eu ensino, eu mostro pra ela, ensino como é contar, ajudo ela, ela não sabe muito. (Empolgada, mostrando satisfação com as aprendizagens citadas)

QUANDO TU ENTROU NA ESCOLA, AQUI NO SALOMÃO, OU NO CMET ANTES, TU JÁ FALAVA LIBRAS?

É, mais ou menos, eu tinha um pouco de vergonha de sinalizar, porque eu não sabia sinalizar, daí a professora me perguntou, eu não lembro qual professora, a Ana Luiza, ela me perguntou, tu sabe sinais, e eu, mais ou menos, eu não sei sinais, um pouco só, é difícil.

MAS AGORA TU JÁ SABE BEM?

Sei, mais ou menos, sei. É, eu to treinando, to aprendendo.

NA ESCOLA QUE TU ESTUDAVA ANTES, QUANDO TU ERA PEQUENA, TEUS COLEGAS ERAM SURDOS?

Tudo era ouvinte, daí tinha um grupo pequeno de surdos, a maioria era ouvinte. Eu era pequenininha, estudava lá no centro, perto da Ipiranga, mas eu esqueci o nome da escola. Eu era pequena, daí eu parei.

POR QUE TU PAROU DE ESTUDAR?

Com 15 anos eu parei de estudar, era lá no centro. Eu ficava pensando, e brigava muito, era muita bagunça e a culpa foi minha, daí eu larguei. Eu batia, eu olhava e não gostava, não me

sentia bem, achei melhor parar e a professora entendeu, que eu achei melhor parar, e ir pra casa, ela me abraçava. Era dois ônibus pra ir, era longe, bem longe.

A ESCOLA TE ENSINAVA A FALAR? QUERIA QUE TU FALASSE?

Me ensinava sinais.

TE ENSINAVA SINAIS E O PORTUGUÊS ESCRITO?

Era uma escola de surdos. Tinha um grupo de ouvinte e um grupo pequenininho de surdo.

JUNTOS?

Na sala juntos. Daí ficava os ouvintes de um lado, que falavam, e depois a gente se mudou, e a gente pegava dois ônibus.

QUANTOS FILHOS TU TEM?

3 meninas. Uma de 14, outra 24, já ta grande, bonita, e outra de 19, já tem um filho pequeno, a de 24 tem um filho também, já sou vovó. (Fala das filhas e netas com muita alegria e carinho)

SÃO OUVINTES?

Todas ouvintes.

E TEU EX MARIDO ERA OUVINTE?

Era surdo, eu me separei porque ele roubava muito, andava com outras mulheres, daí eu me separei, mandei ele embora, peguei a mala, botei as roupas dentro e mandei ele embora. Eu fiquei muito brava, porque eu tava há anos casada, há 25 anos casada com ele. Eu tinha 17 anos, daí a gente casou, eu engravidei, daí a gente teve 3 filhos juntos, e eu sofri muito, chorei muito, eu pensava mas como, por que outra mulher, a gente é casado, não pode ter outra mulher, não pode ter traição. A Cleusa me ajudou, eu chorei muito, eu só dormia, fiquei doente, com febre e ele nem aí.

COMO TU TE COMUNICA COM A TUA FAMÍLIA?

Por sinais, elas falam, elas sabem sinais.

TU ENSINA ELAS FALAREM POR SINAIS?

Eu ensino. O pai ensinava também, nós dois ensinávamos. Mas daí a gente se separou e ele foi embora, mas ele vai de vez em quando visitar elas, fica umas semanas sem ver, mas daí ele vai e visita elas.

EM ALGUM MOMENTO NA ESCOLA TENTARAM TE ORALIZAR, POR QUE TU FALA JUNTO COM OS SINAIS?

Antes sim.

EM QUE MOMENTO?

Eu fazia fono, tinha aquele aparelho grande, antigo, tinha o aparelho que eu usava, eu era pequenininha, e botava aquele aparelho.

TU NASCEU SURDA?

Sim, sim. Acho que nasci surda sim.

E TENTARAM TE ORALIZAR?

Eu não falava, eu só sinalizava quando era pequenininha, eu não conseguia falar. Antes eu ouvia, ouvia um pouquinho, daí antes eu usava um aparelho, sempre eu usei o aparelho, daí eu falava um pouco, igual vocês, daí parou, eu parei de ouvir, quando eu cresci eu parei de ouvir.

TE ENCOMODAVA O APARELHO?

Daí eu falava com o aparelho, mas eu não tinha dinheiro, é muito caro, daí eu parei, daí quebrou, e eu botava um outro aparelho que tinha, era um outro tipo, tipo fone, e agora eu tenho um aparelho e ele quebrou. Eu quero usar aparelho, eu quero falar, pra ouvir o som, se alguém me chamar e eu ouvir, mas é muito caro.

O APARELHO NÃO TE ENCOMODA?

Não, é bom, eu me sinto bem, eu gosto, eu escutava músicas, as pessoas batem na porta daí eu ouço com o aparelho na minha casa, por isso eu quero o aparelho, mas ele é muito caro, eu quero o aparelho, eu fico triste porque não tenho.

SE TU TIVESSE CONDIÇÕES DE FAZER A CIRURGIA, IMPLANTE COCLEAR, PRA PODER ESCUTAR, TU FARIA?

Não, eu tenho medo. (Demonstra medo, e ri ao responder)

SÓ POR MEDO TU NÃO FARIA?

Só aquele aparelho de colocar dentro da orelha, aquele sim, aquele outro, do corte na cabeça não, mas o aparelho eu quero, eu gosto do aparelho, com aquele aparelho eu escuto, escuto muitas coisas, o carro, mas daí ele quebrou, e ai é caro. Tem um ouvido que eu escuto palmas, mas nesse outro aqui não, nesse eu não escuto nada, só o direito. Eu queria um aparelho daqueles, pequenininho, mas eu não tenho dinheiro.

TU ACHA QUE TE ATRAPALHA O APARELHO?

Eu queria ouvir, eu queria falar, eu não gosto, mas com aparelho eu consigo falar um pouco, eu queria falar. Mas eu não ouço, eu queria ouvir, quando batessem palma, quando abrissem a porta, quando me chamasse e eu estivesse dormindo. A minha filha vem no quarto e diz, a tu

não ouviu eu te chamar, e eu digo, a desculpa, eu não ouvi, e ela diz é verdade, mas eu to sem aparelho, mas eu sou surda, e ela ouve bem.

TU TE DÁ BEM COM OS TEUS COLEGAS AQUI NA ESCOLA?

Sim, todos são amigos, são educados. Antes dava muita confusão. Tu conheceu o Adão?
(Pegou o papel e escreveu Adão)

NÃO.

Aaa, ele é um surdo, ele ficava me incomodando, e eu falava pra professora, e ela dizia pra ele, tu vai embora daqui, a professora ficava brava com ele, ele ficava debochando, fazendo piada, e eu quase chorava, porque eu sofria muito.

COMO ELE TE INCOMODAVA? O QUE ELE FAZIA?

Ele fazia fofoca, me provocava, e eu não falava nada, ficava quieta, eu não provocava ele, e ele dizia que eu provocava, eu ficava quieta, eu era educada, e ele ficava me incomodando dizendo que eu provocava ele. (suspira brava)

TU TEM AMIGOS SURDOS FORA DA ESCOLA?

Alguns, conheço alguns, poucos.

POR QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA?

Meu marido dizia que não, que eu não podia estudar, tinha ciúmes. Daí eu me separei e a Cleusa me ajudou, disse vem, vamos estudar, e como eu tava sofrendo também por causa da separação, eu pensei, eu prometo que vou voltar estudar e voltei. Daí abriu mais, antes, eu não sabia muito, ficava sempre parada, fazendo a mesma coisa. E agora que eu me separei eu me visto melhor, fico mais bonita eu me pinto, é muito bom, estudar é muito bom. Agora eu não quero mais saber dele, ele tinha ciúmes de mim, e agora eu to estudando e isso é muito bom. Antes eu ficava em casa, fazendo nada, ele dizia que eu não podia sair, e agora que eu me separei, eu tenho que passear, e isso é bom. Passear abre mais os horizontes, a gente aprende, a Cleusa me ajuda, eu to com sorriso melhor agora, to mais animada, e to mais feliz agora (Solta uma risada). A minha família vê que agora eu to saindo mais, que eu to brincando mais.

HÁ QUANTO TEMPO TU TE SEPAROU?

Ano passado, em 2012. Ele tava errado de ter me traído, mas daí a professora me ajudou, lá no CMET eu chorava muito, daí eu pensava, pára, pára, eu tenho que tirar isso da cabeça, e elas diziam, vamos passear, vamos pra aula, e isso começou a sumir, e agora eu to bem, eu to calma, eu to curada disso agora. Parei de pensa nele, deixa ele pra lá, só amigo agora.

TU TAVA ESTUDANDO QUANDO VOCÊS ESTAVAM JUNTOS ANO PASSADO?

Casada nunca. Eu ficava só em casa. Depois entrei no CMET, eu já namorei dois, mas não, não quero, não quero, quero só estudar (Rindo). Eles dizem que eu sou bonita, e eu digo, pára, dá um tempo, espera, porque primeiro eu, é melhor eu ficar solteira, livre, dá um tempo, porque sempre ta com ciúme de mim, daí não dá.

TU ESTUDAVA NO CMET ANO PASSADO?

Sim, a Cleusa me mostrou, me apresentou, porque eu não conhecia nada antes, eu parei muito tempo de estudar, eu não conhecia nada. To na terceira já, não sou bebe, eu to na terceira série com criança né, daí dizem, ta na terceira série, tu é que nem criança na terceira série, mas é que eu parei muito tempo, agora meus filhos estão grandes, eu trabalhei muito, ajudei a criar os netos, daí eu tive que parar né, eu tive que ajudar, tinha que levar pra escola, daí levava pra casa, fazia comida, daí eu ajudava até eles crescerem, agora eles cresceram e e agora eu quero estudar e voltar estudar, agora que eu me separei né. Eu gosto de passear também.

TU TEM O INCENTIVO DA TUA FAMÍLIA PRA ESTUDAR?

Eu falei que vou voltar a estudar, e ela diz claro, sim, pode ir, elas não tem aquela coisa de dizer não, igual o meu ex marido ciumento, ele tinha ciúmes de mim, elas não. Deixa ele pra lá elas dizem, tu tem que pensar na tua vida, eu já to com 43 anos. A outra mulher dele tem 42, quase igual a mim.

O QUE MUDOU NA TUA VIDA DEPOIS QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA?

Ta bom, agora minha vida ta boa, porque antes era eu a Cleusa e mais um outro menino, um outro amigo surdo, só nós 3, e eu quero conhecer mais né, mas tem que ter paciência, tem que estudar bastante, antes, lá no centro que eu estudava, tinha muitas pessoas, uma sala grande, agora é uma sala pequena, são poucos alunos, são só 3. Eu quero de noite estudar, de manha eu não posso, eu tenho que ajudar em casa, sou avó, tenho que cuidar dos meus netos, fazer a comida, lavar roupa, tenho que estender as roupas, daí depois quando é de noite, 16>30 mais ou menos eu tomo banho, 17 horas eu venho pra cá, pra estudar aqui, eu quero estudar de noite, pra mim é melhor. Antes na escola, quando eu era pequena, eu estudava de manhã e de tarde.

TU TRABALHA?

Eu recebo seguro. A minha mãe tinha uma aposentadoria, então é só pra comer, e eu não sei, minha filha que vai comigo e me ajuda, porque eu não sei digitar a tecla lá do banco.

O QUE TU PLANEJA PARA O TEU FUTURO?

Eu quero estudar mais, quero continuar estudando, quero ir pra quarta. Quero estudar, matemática, quero fazer as contas que é difícil, pra contar, fazer as contas, um que é mais, somar, um que é menos, o que tira, daí ela me ensina, tu tem que tirar, daí eu somo, ela me ensina essas coisas, tenho que treinar e aprender bastante, porque eu não sei, dinheiro é difícil pra mim, eu tenho que treinar bastante, saber, estudar bastante, porque dinheiro eu tenho que saber quanto que tem, quanto eu tinha, dei pro ônibus, daí eu vou comprar material. É porque eu parei muito tempo, olha essa folha (pega uma folha com letra de imprensa), eu não vou entender nada, essas palavras aqui eu não conheço, eu só conheço... (Escreve “pia” e fala). Eu só conheço essa.

A PROFESSORA CARMEM ENSINA O PORTUGUES ESCRITO?

Quando eu era pequenininha, eu larguei, e a culpa foi minha por ter largado, eu larguei tudo, era lá no centro, lá longe, eu era muito brava, eu larguei, parei de estudar, eu brincava e brigava com as crianças, tinha outro surdo que tinha lá, era um menino que eu brigava.

TU CONHECE O ALFABETO?

Esse eu conheço.

TU SABE ESCREVER TEU NOME?

Sim. (Ela escreveu no termo de consentimento)

E O NOME DOS FILHOS?

Sim sei.

E A RUA QUE TU MORA?

Sim sei, mais ou menos.

A Ana Luiza me ensinou essa (Escreve “PARADA”).

QUAL O NOME DO ONIBUS QUE TU PEGA PRA VIR PRA ESCOLA?

É difícil, eu não sei, é muitos ônibus, eu conheço um ônibus, que é o da restinga, mas os outros vão pra outros lado que eu não sei onde é, daí eu não, eu peguei errado, daí eu tenho que saber, tenho que aprender pegar o ônibus direitinho, que é o da restinga, e outros ônibus eu não sei, tenho que cuidar pra não pegar errado, o restinga esse eu sei (Escreve “RESTINGA”). Minha filha (Escreve “MARTA”, “ANA MARIA” e “CLAUDIA”), idade (Escreve a idade de cada uma delas). É difícil, tem que treinar, estudar bastante.

BOM, É ISSO, SE TU QUISER ME DIZER MAIS ALGUMA COISA QUE TU ACHA QUE É IMPORTANTE, PODE ME FALAR TAMBÉM, MAS DA NOSSA ENTREVISTA É ISSO.

CLEUSA

VAMOS COMEÇAR ENTÃO, QUAL O TEU SINAL CLEUSA?

FAZ O SINAL.

TU GOSTA DE VIR PRA ESCOLA?

Eu gosto sim, é bom. Mas antes, quando eu era pequena eu nunca estudei com surdos. Mas eu comecei estudar em 2007, e eu não aprendia, não sabia ler nada, nada. Mas antes, minha mãe nunca me colocou em uma escola de surdos. Minha mãe nunca me colocou na escola. Daí eu cresci, e daí eu via os ouvintes só em escola de ouvintes, e a professora falava, e eu surda não entendia nada, eu só copiava, eu não entendia nada. Agora, depois que eu cresci, quando era nova eu parei de estudar, e agora, eu já com idade avançada eu voltei a estudar. Eu vi que tem bastante surdos, crianças surdas, e eu vejo ai que lindo, ai eu me lembro a minha mãe nunca me colocou em uma escola, e eu queria muito, antigamente ir em uma escola de surdos que nem os pequenos que eu vejo, pra aprender, pra ver, e eu me lembro isso quando eu vejo né, e a minha mãe nunca me ajudou nisso,

O QUE TE INCENTIVOU A VOLTAR PARA A ESCOLA?

Porque eu não pensava, eu ficava em casa, eu não pensava, não tinha nada no que pensar, eu não sabia muita coisa, daí a minha amiga falou pra mim tu precisa voltar estudar numa escola de surdos, tem muitos surdos? Ela disse tem, e eu nunca vi, não conhecia, nem escola de surdos, e ela disse vem, vamos lá, e eu disse não sei, eu não sou inteligente, eu não sei, eu não sei nada, mas eu pensei assim, ai, e minha amiga veio junto comigo, e eu olhei, em 2007, daí eu comecei, eu vi os surdos, os surdos velhos, terceira idade, e eu gostei muito, daí eu falei pra professora que eu não sei, eu não sou inteligente, eu não sei ler, e ela falou, não tem problema, agora, eu com a idade que eu tenho, 49, eu tenho 49, e eu nunca aprendi, e eu fico triste com isso (começa a chorar um pouco), porque eu quero aprender, eu quero aprender a ler os ônibus, pra passear, pra saber o nome dos ônibus, eu não sei quando eu vou passear, eu não sei o nome dos ônibus, eu só sei o número, a 1, 2, ah, eu acho que é esse, daí eu vou pra lá, eu vou pro centro, mas eu não conheço muito Porto Alegre, pra viajar pra porto alegre eu quase nunca venho, mas a minha amiga me ajudou, ela me mostra, me ensinou, eu fiquei muito parada em casa, minha cabeça fica parada, eu nunca aprendi a ler, nunca aprendi, e eu

quero aprender, porque eu tenho filhas né, eu tenho 3 filhos, eu sou avó já, então... (enxuga um pouco as lágrimas)

COM QUANTOS ANOS TU PAROU DE FREQUENTAR A ESCOLA?

Com 9, com 9 eu parei.

E A ESCOLA ENSINAVA A ORALIZAR?

É, e eu nunca aprendi nada, nunca.

TU QUE INCENTIVOU A ANELISE?

A gente é amiga, a gente mora na Restinga. Eu moro perto da casa dela. Porque eu convidei ela, ela também era igual eu, cabeça pequena, não sabia muitas coisas, eu disse tem surdos lá no centro, lá tem uma escola de surdos, vamos lá juntos, eu sou igual tu, não sei nada, e ela pensou e disse ah então eu vou. Eu olhei, olhava as escolas, daí eu vi, eu gostei muitos surdos, que legal, bonito, daí eu fiz muitos amigos, muitas mulheres me convidaram pra entrar, vem aqui, estudar aqui, falavam pra mim, qual série tu tem, e eu não tenho nada, agora to na segunda série, e preciso aprender um pouco, aos poucos né.

E POR QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA?

Pra aprender a ler, eu quero aprender a ler, eu quero aprender. Porque eu não sei escrever meu nome, Cleusa, todo o nome, eu só sei o primeiro nome, Cleusa, todo o sobrenome eu não sei escrever.

QUANDO TU VOLTOU PARA A ESCOLA?

Antes em 2007 eu parei também, porque na minha casa tinha problemas, marido que é ouvinte brigando, muitos problemas. Daí eu me separei de um ouvinte, mas agora eu tenho a minha filha, que ta envolvida com drogas, e eu to triste, choro, e eu moro junto com a professora Carmem, eu to morando junto com ela, eu to trabalhando pra ela, então ela me ajuda. Agora eu fico na casa dela na segunda, terça, quarta, quinta e sexta, e hoje (sexta) eu vou pra restinga, mas eu fico com saudade da minha filha, eu tava quase chorando de saudade da minha filha.

TU TEM 3 FILHOS?

Moças.

QUE IDADE ELES TEM?

Uma tem 30, a mais velha, que ta usando drogas. E a outra tem, ai choro (chora, eu saio para buscar lenços), já to chorando, to com saudade da minha filha, eu sou avó de uma pequenininha, tem outra filha de 15, e a outra tem 27, trabalha, só a mais velha que dá

problema né, por causa das drogas, ela foge, incomoda, sai de casa e não volta pra casa, e o que eu vou fazer né, eu queria que o governo me ajudasse, mas eles não me ajudam, pra poder colocar em uma clínica, ou hospital, deixar ela lá, pra tirar as drogas, numa clínica de dependentes, né, então eu queria isso. Tem que aguentar né, não adianta. (Limpa as lágrimas)
TODA MAQUIADA, AGORA ESTRAGA A MAQUIAGEM...

Pois é, eu vim bonita, agora choro estraga tudo. Hoje é sexta, eu vou pra minha filha, eu vou pra minha casa, eu moro na restinga. Agora domingo, dia das mãe né. As minhas duas filhas vão junto comigo, e a minha netinha, elas vão ficar junto comigo, só comigo, nós vamos passear, vamos comer pizza, passear, isso é bom. Agora eu preciso pensar na minha neta, eu preciso pensar nela agora, porque a outra, a mais velha não pensa.

ESSA MENINA QUE TU É AVÓ É FILHA DA MAIS VELHA?

É filha da mais velha, isso.

MAS QUEM CUIDA DA TUA NETA?

Agora eu to trabalhando, agora minha outra filha que tem 15 ta cuidando, ela tem 8 anos, então ela estuda, é boa.

TEM ALGUM FAMILIAR SURDO NA FAMÍLIA?

Em Alvorada minha prima é surda também, ela não ouve, não fala, ela e o marido, os dois são surdos.

LINGUA DE SINAIS TU JÁ SABIA ANTES? OU TU COMEÇOU AQUI?

Eu comecei aprender, não foi aqui nesse colégio não, porque eu casei com um ouvinte, me separei do pai das minhas três filhas, depois eu, nós brigamos, fui na policia, fiz denuncia, que ele incomoda, depois eu encontrei um surdo, o Paulo, eu disse oi, eu conheço, ele é jovem, eu me lembro dele, depois ele perguntou pra mim tu ta casada, eu disse não eu me separei. Daí depois a gente conversou, ele disse tu pode vir quarta no centro, pra se encontrar comigo, e eu ah legal, vamos conversar, daí ele pediu pra morar junto comigo, e eu pensei né, olha, eu tenho três filhas, ele não tem filhos, daí eu falei pra ele tenho três filhas, daí eu fiquei junto com ele, morei com ele alguns anos, 8 anos, agora ele morreu, ele que me ensinou a língua de sinais, foi ele que me ensinou. Ele fazia carteira de ônibus que eu não conhecia, eu dizia, ah eu não conheço, daí vamos de porto alegre, pra gente passear, pra gente viajar, ele me ajudou muito, ele era muito bom, me ajudou bastante, gostava das minhas filhas, da minha neta. E agora, depois ele ficou doente, com câncer, ficou no hospital, emagreceu, e morreu. Ele bebia muito também né.

NA TUA OPINIÃO A LINGUA DE SINAIS FOI MELHOR PRA TI? ANTES TU NÃO SABIA NADA DA LINGUA DE SINAIS, E DEPOIS QUE O PAULO TE ENSINOU...

Isso, foi aumentando, abrindo, daí eu comecei a passear, ir pra praia, com a família dele eu viajei bastante, foi muito bom, agora ele morreu, agora eu penso um pouco, eu to aprendendo ainda, eu preciso estudar, eu quero conhecer mais surdos, muitos surdos, porque eu preciso de amigos pra conversar, preciso com que eles me ajudem, como aprender a ler, e eu aqui no Salomão e lá no CMET era bom também, ai a gente veio aqui pro Salomão, tudo bem né, paciência, aqui não tem muitos surdos, aqui é muito pouco surdos, eu queria outra escola que tivesse muita terceira idade, mais terceira idade, que tivesse mais surdos, pra me ajudar também, eles ajudam a gente, pra aprender, eu preciso aprender bastante, e não tem né, mas ta bom, paciência, eu preciso é aprender a escrever.

ME FALARAM QUE OS GRUPOS DE SURDOS TODOS VEM PRA CA.

Todos os surdos não querem vir pra ca, é muito perigoso, é muito longe, aqui os surdos não sabem ler, os surdos não gostaram daqui, eles gostam mais do CMET, lá era muito melhor, era bom, eu gostava de lá, e agora, não adianta né, tem poucos surdos, muito pouco surdo. Melhor era lá no CMET, agora aqui é perigoso, é longe, não é bom mesmo.

TEM AMIGOS SURDOS FORA DA ESCOLA?

Aqui eles são muito crianças, tem muita fofoca, aqui eu não falo muito com eles, aqui são jovens né, mas eu quero mais pessoas da terceira idade, mais velhos, eu quero igual eu, eu quero conhecer surdos iguais a mim, da minha idade.

MAS AS VEZES TU VAI LÁ NA SOCIEDADE, NA ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS?

Mas eu vou sozinha como? Eu não sei onde ir, não me convidam, eu não sei ir sozinha.

MAS E A OUTRA AMIGA SUA?

Ela também não sabe, nós duas não sabemos nada, cabeça pequena, então a gente não sabe muito, a gente nunca sai pra passear.

ENTÃO EU VOU TE DIZER, PERGUNTA PRA ANA LUIZA, QUAL É O DIA QUE TEM FESTAS LÁ, TEM FESTA JUNINA POR EXEMPLO, PRA CONVIDAR. PORQUE É ABERTO, AS PESSOAS PODEM IR LÁ, TEM UM MONTE DE SURDOS LA.

Lá na associação eu já fui uma vez, duas.

TEM AGORA EM JUNHO\JULHO TEM A FESTA JUNINA, ENTÃO PODE IR LÁ, E É LIVRE, NÃO PRECISA PAGAR PRA ENTRAR, PAGA PRA COMER, MAS PRA ENTRAR NÃO.

Pra entrar e ficar de conversa, pode só entrar não precisa pagar.

ALGUMAS FESTAS SIM TEM QUE PAGAR, MAS FESTA JUNINA EU ACHO QUE NÃO PAGA PRA ENTRAR.

Qual é o dia? Eu não sei nada.

PERGUNTA PRA PROFESSORA ANA LUIZA, OU DEPOIS EU CONVERSO COM ELA, EU VOU PEDIR PRA ASSOCIAÇÃO PRA CONVIDAR OS SURDOS DO CMET PRA IR LÁ QUANDO TIVER FESTA, EU VOU COMBINAR.

Eu fico em casa parada, sem fazer nada, eu só vou pra aula, depois vou embora, depois aula, eu não conheço outros homens, outras pessoas, pra namorar, pra paquerar, só a velha lá.

EU QUERO QUE TU ME FALE MAIS SOBRE COMO FOI NA TUA INFÂNCIA, NA ESCOLA, A CONVIVÊNCIA COM OS COLEGAS, A RELAÇÃO COM A PROFESSORA.

A minha mãe ela me levava pra escola de ouvintes e eu ia né, e os ouvintes falavam e eu ficava sozinha num canto, e tinha muitos meninos que falavam comigo, e riam de mim, eu dizia ah eu sou surda, não escuto, e eles ah é ela é surda, daí faziam gestos, e eu olhava e deixa né. Eu falava professora olha aqui, eles tão rindo de mim, e a professora o que o que, não entendia nada, e ela me desprezava porque ela também não entendia nada do que eu tava falando, daí depois eu ia pras aulas, e bateu, eu dizia bateu? E as crianças todas saiam correndo, e eu ia atrás né pra ver o que era, daí eu vi q começou a aula, e eu sentava, e a professora só ficava falando, eu não escutava nada, todo mundo levantava a mão, e eu não levantava a mão porque eu não entendia nada, eu só ficava quieta escrevendo ali né, depois acabava as 5 horas e eu ia pra casa, e eu não sinalizava nada, eu só falava algumas coisas, eu só falava algumas palavras, depois eu fui crescendo e com 9 anos eu não fui mais pra escola, não quis mais, larguei, a minha mãe disse vamos pra escola, e eu disse não, não quero ir pra escola, porque eu não aprendia nada, então não adiantava.

TU APRENDEU ALGUMA COISA NESSA ÉPOCA, NESSES ANOS DE ESCOLA?

Nada, nada, nada. Fiquei na mesma, a professora dava papel, fazia olha, e eu olhava ali e fazia, não adianta, pensava, minha cabeça ficava pesada, eu dizia ah não sei, e a professora dizia, mostrava, esse aqui, igual esse, ah ta, daí eu olhava, copiava, e olhava pro quadro, e chamava ela, o que é isso? E ela dizia, A, B, C, mas eu não sabia, e eu não entendia nada, eu não sabia muito, era muito pouco.

EXISTIA ESCOLA DE SURDO QUE TU PEDIA PRA TUA MÃE PRA IR PRA ESCOLA?

A minha mãe dizia que não, não quero escola de surdos, não. Ela era muito pobre, ela não sabia das coisas.

O QUE TU PLANEJA PARA O FUTURO?

Agora eu to com 49 já, já to velha já, eu vou estudar, vou continuar estudando, não sei o que eu vou fazer, eu vou ver, eu quero estudar, eu quero participar. Agora em 2013 eu vou estudar, depois eu vou ver, se não adiantar eu vou largar, se não adiantou pra minha cabeça, se não foi bom, então eu vou largar.

EU ACHO BOM APRENDER COISAS, TU ACHA IMPORTANTE APRENDER TIPO, É BOM APRENDER, TU ACHA QUE É BOM APRENDER?

Eu quero aprender a ler, eu quero aprender o meu nome, eu quero aprender o nome da minha filha, a minha filha, a mais velha, Cláudia, a outra é Claudete, e a outra Camila, e eu Cleusa, o pai delas era Cláudio, isso mesmo, era tudo igual.

E A TUA NETA?

É Vivi, eu chamo ela de Vivi, eu não sei o nome dela certo, eu chamo, é Va..., não sei, eu não consigo dizer, mas eu chamo ela de Vivi, Vivi vem cá Vivi, vem aqui. Ela é branca, a minha filha não podia, daí eu peguei ela pra mim, eu cuidei ela, eu tenho foto, ela é bem bonita, depois eu mostro pra vocês.

TU TEM O INCENTIVO DA TUA FAMÍLIA PARA ESTUDAR?

A minha filha é muito boa, muito legal, porque uma filha que dá problema, chega em casa de madrugada, e eu to dormindo, daí ela bate, a minha filha já chegou, daí eu abro a porta e vejo ela, ela me dá um beijo, e diz desculpa mãe, daí ela vai, toma um banho, e depois vai dormir, e eu fico quieta olhando né, não falo nada, eu fico só triste, mas as outras são boas, elas não são revoltadas, má comigo, nunca fazem mal, elas me amam, dizem eu te amo mãe, são todas legais.

O QUE MUDOU NA TUA VIDA DEPOIS QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA?

Antes eu morava numa casa meio ruim, no Sarandi, a minha mãe e meu pai já são falecidos, e depois eu fiquei com um ouvinte e ele não trabalha, e eu precisava dar comida pras minhas filhas, e eu disse olha, tu tem que ajudar pra dar comida pras minhas filhas, e depois minhas filhas cresceram, e ele não era bom, ele era ruim, ele bebia e ia pra casa, depois a gente se separou, depois eu fui sozinha, solteira, eu procurava trabalho, eu ia nas casas, dizia que queria faxinar, limpar, eu quero ajudar minhas filhas, me aceitavam, eu trabalhava, gostava e isso me ajudava, me davam sacolas com coisas, e eu trabalhei muito, eu comprava roupa,

comida, dava roupa comida, eu sou avó né, depois eu cuidava, eu precisei daí que as pessoas me ajudassem a comprar leite, roupa pra neném, eram muito legal, me ajudavam, e eu trabalhei muito. Daí eu disse que vou me mudar, ok, eu me mudei e fui sozinha, depois eu procurei outro trabalho, continuei procurando e encontrei, daí trabalhei, ela me ajudou bastante, daí eu precisava trabalho, daí eu sofria muito, porque eu não tinha pensão nada, eu nunca tive pensão, e as minhas coisas eram ruim, eram velhas, meus pais não me deixaram nada, daí depois eu sofri muito, eu não tinha comida, eu ia nos lugares, nas casas pedir pra trabalhar, daí eu vim pra Guaíba, e eu pedi carona no ônibus, que eu queria ver meu tio, pra me ajudar, pra me ajudar eu voltar a ver minha filha, depois meu tio viu, disse perai, fica aqui, e ele pediu pra eu dar minha filha pra ele, eu disse não, eu não vou dar a filha é minha, e ele disse mas como tu vai dar o que comer, e eu disse não tem problema eu vou dar um jeito, eu levo minha filha junto, ela era bebe, e as pessoas pediam, dá ela pra mim, tu não tem comida, e eu não, eu não vou dar, ela é minha filha, ela vai ficar junto comigo, eu não como mas eu dividia, eu trabalhava. Depois de alguns anos, eu já falei né do surdo que eu encontrei, ele me ajudou, e agora ele já morreu, e eu tenho o salário dele, a pensão dele agora é comigo, agora a casa ta boa, a casa ta grande, a casa que era velha eu vendi, e agora eu moro na outra casa, na Restinga agora, antes eu morava no Sarandi. Daí eu vendi lá, por 10 mil, agora ta bom, e eu tenho a aposentadoria dele pra mim.

MAS A ESCOLA, TU ACHA QUE ELA MUDOU ALGUMA COISA NA TUA VIDA?

Eu larguei a escola porque eu não aprendi nada.

MAS AGORA, ANTES TU PAROU, LARGOU A ESCOLA, MAS E AGORA 2007, 2008, DE NOVO QUE TU VOLTOU A ESCOLA, TU ACHA QUE FOI BOM? PORQUE TU TEVE CONTATO COM OUTROS COLEGAS SURDOS, TU ACHA QUE FOI BOM?

Aqui não tem muitos surdos de terceira idade, mais idade, mas antes que eu estudava em 2007 eu estudei e sai em 2008, parei, depois eu fiquei em casa, porque tinha problema na minha casa, eu tinha problema com a minha filha, muito problema, ai eu pensava vou parar de estudar, porque minha filha dava muitos problemas com drogas, rouba, como é que eu ia fazer, eu tinha que cuidar em casa, porque o mudo, meu marido que morreu, deixou tudo pra mim, mas eu tenho medo que eu parei de estudar, porque era tudo novo na casa e eu fiquei com medo que a minha filha roubasse, pra vender, e daí eu parei de estudar. E agora, depois em 2009 eu voltei um pouquinho mais, depois eu sai de novo, mas eu queria muito estudar, mas daí deu muitos problemas e eu parei de novo, e agora que eu to trabalhando na professora

Carmem, eu moro junto, que o marido dela também morreu, e ela pediu pra eu ir morar com ela, e eu to morando junto com ela, porque ela ta sozinha, fica com medo, e eu fico com ela, e ela me ajuda muito, na casa dela, e agora eu to indo pra ver minha filha, sexta sábado e domingo.

CLEUSA, TU ACHA QUE TEM MAIS ALGUMA COISA IMPORTANTE PRA ME FALAR, EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO, A ESCOLA?

Aqui é ruim, eu não gosto daqui, aqui é ruim, aqui é perigoso, é horrível, eu não gostei, o que que eu vou fazer né. Mas eu gosto porque eu trabalho com a Carmem, então eu venho com ela, então eu tenho que ficar quieta né, eu tenho que vir junto, vou e volto, vou e volto, mas daí paciência, tenho que disfarçar né.

TU SABE QUE EM 1996, 1997, COMEÇOU UM GRUPO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS, ANTES NÃO TINHA NADA...

Eu estava junto com os surdos e com o meu marido, então eu estudei junto com ele, em 2008 nós dois estudávamos juntos, de noite era muito bom, lá no CMET, no centro, tu conhece o Paulo, eu tenho foto dele, daí ele tinha ciúmes, daí eu sai de novo, ele tinha muito ciúmes de mim, daí eu parei de estudar de novo.

MAS COMO EU TAVA TE EXPLICANDO ANTES, EM 97 POR AÍ, NÃO TINHA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS, NÃO TINHA, DEPOIS QUE COMEÇOU, LÁ NO CENTRO, NO CMET, LÁ PERTO DA ASSEMBLÉIA, DAÍ TINHA UM PROFESSOR SURDO, WILSON, E JUNTO COM UM GRUPO ELE PARTICIPAVA, FOI ELE QUE NA ASSEMBLÉIA DISCUTIU, E JUNTO COM A PREFEITURA, E OS SURDOS PEDIRAM QUE QUEREM UMA ESCOLA PRÓPRIA, UMA ESCOLA BILINGUE, DAÍ ELE COMEÇOU ESSA DISCUSSÃO, DAÍ A PREFEITURA FIZERAM VOTAÇÃO, ONDE TODOS PARTICIPARAM, FIZERAM ESSA VOTAÇÃO E ACEITARAM, DAÍ, CONTRUIRAM A ESCOLA, MAS DEPOIS, CONTRUIRAM A ESCOLA, E ALGUNS REPRESENTANTES SURDOS, FORAM CONVERSAR COM A PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO, PORQUE ELES QUERIAM CONSTRUIR A ESCOLA EM UM TERRENO, MAS TEVE MUITA DISCUSSÃO, E MUITOS SURDOS NÃO ACEITARAM, PORQUE ELES TINHAM MEDO, ELES PENSAVAM, AÍ A PREFEITURA, EU ACHO QUE A PREFEITURA VAI PEGAR ISSO COM O TEMPO, NÓS VAMOS PERDER ISSO, ENTÃO O QUE FICOU, E AGORA O QUE A PREFEITURA IA FAZER, ELA TINHA VERBA PARA OS PROFESSORES MAS NÃO

TINHA O LOCAL, ENTÃO ELES ESTAVAM PROCURANDO, PROCURANDO O LOCAL E ENCONTRARAM LÁ PERTO DO PARCÃO, MAS ERA SÓ PARA OS PEQUENOS, SÓ PARA AS CRIANÇAS, DAÍ COMEÇOU O SALOMÃO LÁ. MAS A ESCOLA ERA PEQUENA QUE CONSEGUIRAM LÁ, MAS SÓ PRA EDUCAÇÃO INFANTIL, DAÍ CONTINUARAM A DISCUSSÃO COM A PREFEITURA, PRA PROCURAR UM LUGAR PRA CONSTRUIR, DAÍ DEMOROU E ENCONTRARAM AQUI ESSE ESPAÇO, AGORA TEM UM LUGAR MAIOR, E VÃO TENTAR EM REUNIÃO, TODOS JUNTOS, OS PEQUENOS ATÉ OS ADULTOS, POR ISSO QUE TODOS VÃO VIR PARA CÁ, ALGUNS NÃO GOSTARAM, OK, VERDADE, TA CERTO EU SEI, JÁ ME FALARAM, MAS O CMET ERA MELHOR, O PRÉDIO ERA MELHOR, NO CENTRO NÉ, MAS NO MOVIMENTO SURDO, ALGUNS LÍDERES, QUE LUTAM, QUE PEDEM QUE QUEREM UMA ESCOLA BILINGUE, TODOS OS SURDOS ESTÃO JUNTOS, E POR ISSO É IMPORTANTE O CONTATO DAS CRIANÇAS COM OS ADULTOS, PRA ELES TEREM JÁ ESSE MODELO, ENTÃO É POR ISSO.

Mas aqui é, o que eles vão fazer, eles vão construir aqui? Não sei se vão construir aqui, não sei se é verdade.

ACHO QUE SIM, ACHO QUE TEM VERBA PRA ISSO. MAS VAMOS VER NÉ, TEM QUE VER COMO É QUE VAI SER O FUTURO.

Vai vir muitos surdos pra cá daí?

PARECE QUE SIM, ME FALARAM QUE ATÉ DEZEMBRO TODOS OS SURDOS DE LÁ DO CMET VÃO VIR PRA CÁ.

Lá não tem muitos surdos.

MAS ALGUNS, ACHO QUE UNS 20, DEVE TER UNS 20 MAIS OU MENOS, QUE CONTINUAM LÁ.

Tem de noite tem aula, tem 3 no CMET, de manhã tem bastante surdos, mas de noite tem só 3. Aqui tem uns surdos de maior idade, mas eles largaram, foram embora não voltaram mais, porque eu vi que eles não gostaram daqui, eles diziam que era longe, que era perigoso, que os ônibus demoram.

É ISSO, MUITO OBRIGADA.

Obrigada.

HÉLIO

VAMOS LÁ. HÉLIO, QUAL O TEU SINAL?

(Faz o sinal dele.)

TU GOSTA DE VIR PRA ESCOLA?

Sim. De noite sim, a escola Salomão é bom.

TU GOSTA DE ESTUDAR?

Gosto.

TA APRENDENDO?

Sim. To escrevendo, to aprendo a estudar.

TU FALA LINGUA DE SINAIS?

Sim, é bom.

O QUE TE FEZ VIR PRA ESCOLA?

De noite as 6 horas, daí eu venho aqui e como, descanso um pouco e sinalizo um pouco.

QUEM PEDIU PRA TI VOLTAR PRA ESCOLA, QUEM FEZ TU VIR ESTUDAR?

ALGUÉM DISSE PRA TI VIR? OU TU QUE QUIS SOZINHO?

De noite, daí chega de noite e eu venho estudar. Daí eu venho caminhando. É bom.

O QUE TU TA APRENDENDO AQUI NA ESCOLA?

A escrever, a copiar, a escrever, daí eu to aprendendo.

QUANDO TU ERA PEQUENO, TU IA NA ESCOLA? DE OUVINTE? (É necessário interpretar de diversas formas, até que ele consiga compreender alguma coisa)

Sim. Escola de ouvinte.

DA TUA TURMA, SÓ TU ERA SURDO?

Sim. Quando minha mãe morreu, daí eu fiquei sozinho, eu fiquei em casa sozinho, longe, lá em Viamão, eu dormia, ficava vendo TV, sozinho.

COM QUANTOS ANOS TU SAIU DA ESCOLA?

Mas eu to aprendendo aqui de noite.

MAS QUANDO TU ERA PEQUENO? (Eu e a intérprete percebemos que ele não compreende muitos sinais)

Mas eu não parei. Eu venho pra ca de noite, daí eu espero, daí eu como, tem intervalo, eu lavo carro.

CUIDA CARRO TAMBÉM?

Isso.

ONDE?

Ali perto da churrasceria (Aponta com o dedo onde é). Ali, bem pertinho.

TU TEM BASTANTE AMIGOS LÁ?

Eu como churrasquinho daí, muito bom. Daí eu fico esperando, daí eu vou lá conversar, daí um amigo vem e me trás comida, termina, daí os carros vão vindo as 6, daí eu venho pra ca. Pra ganhar dinheiro, eu preciso ganhar dinheiro, eu fico olhando os carros, cuidando, muita gente.

COM QUEM TU MORA HÉLIO?

Numa casa longe, (é preciso explicar mais uma vez a pergunta) com meu irmão, mais dois irmãos.

E A MÃE MORREU?

Morreu.

E O PAI? (3 tentativas diferentes para explicar a pergunta)

O irmão fica lá, e eu fico aqui. Cada um fica de um lado, daí eu durmo, vejo TV, ligo a televisão, durmo, ele bate na porta, eu vejo o sol daí, tomo café, como, vejo televisão, daí eu vejo a hora, daí eu tenho que trabalhar de novo, pra lavar os carros, eu tenho que ganhar dinheiro né, não posso roubar, não posso ficar com olho grande né, tenho que cuidar.

TU GOSTA DO TEU TRABALHO?

É bom, é bom, o salário é bom.

TEU PAI E TEU IRMÃO SÃO SURDOS?

Não, são ouvintes. Esse outra faz trabalho com carrinho, carrinho de mão, pedreiro, alguma coisa assim. Eu vejo ele trabalhando, constrói, mas o dinheiro não é bom. Ele diz pra eu ir junto, mas daí eu perco muito, ele não entende. Eu guardo, daí eu tenho que trabalhar bastante pra guardar dinheiro.

TU GUARDA DINHEIRO PRA FAZER O QUE?

Tenho que guardar pra não roubar, senão some, depois eu vou lá ver e cadê o dinheiro? Me assusto, cadê o dinheiro?

TU COMPRA ROUPA, O QUE TU COMPRA?

Eu guardo o dinheiro.

TU TEM FILHOS?

Não. Moro em Viamão, longe.

TU É CASADO?

Não.

TU GOSTAVA DE ESTUDAR NO CMET?

Já, já, agora o CMET veio aqui pro Salomão.

TU GOSTA MAIS DAQUI (SALOMÃO) OU DE LÁ?

O homem trouxe pra cá né, aqui é melhor. Lá no CMET não era muito bom, aqui a comida é melhor, o arroz é bom, eu gosto daqui, aqui é muito bom, eu como tudo aqui, o leite é muito bom, o leite, a banana, a banana eu não gosto, mas tem que estudar sempre, tem que estudar sempre né, é bom estudar.

TU TEM AMIGOS DO CMET AINDA?

Só aqui no Salomão, eu estudo aqui, lá não, a gente se mudou pra ca. Aqui é bom, no CMET não é bom. Aqui é bom, lá tinha que escrever, daí o Salomão tem bastante fotos, jogos, aqui é bom, a gente joga, se acalma, aqui é bom.

POR QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA, POR QUE TU ESTUDA HOJE?

Porque eu gosto.

O TEU PAI E O TEU IRMÃO DE AJUDAM A VIR PRA ESCOLA? TE INCENTIVAM?

Eu venho caminhando. Durmo, daí como, termino e tomo banho, daí eu vou pra lá daí eu venho pra ca.

O QUE TU GOSTA DE ASSISTIR NA TV?

O rato, desenho, filmes, o grêmio, inter as vezes, tem que esperar, tem que ter calma né, depois do trabalho, termino o trabalho rápido, vejo televisão, depois termina o jogo e comemoro.

QUE TIME TU TORCE?

Grêmio. O inter não é bom, é campeão, mas tudo bem. O grêmio eu gosto. Vamos ver depois, agora depois dos jogos, depois vamos ver o que vai acontecer.

O QUE MUDOU NA TUA VIDA DEPOIS QUE TU VOLTOU PRA ESCOLA?

É bom.

QUANTOS ANOS TU TEM?

Esqueci. Ta lá na minha identidade, depois eu digo. Eu vejo lá.

ONDE TU MORA?

Em Viamão, é longe. Eu vou sozinho, eu abro a porta, vou sozinho e vou dormir.

MORA SOZINHO, TU COZINHA, FAZ TUA COMIDA?

Daí eu durmo, acordo e como, vejo televisão, eu como, tomo banho, vejo televisão, me arrumo, vou caminhando, pego o ônibus, demora, daí de noite eu venho pra ca, como de novo, é bom, é longe.

O QUE TU LEMBRA DE QUANDO TU ERA PEQUENO? (Não compreende a pergunta, a intérprete tentou explicar 4 vezes, e ela mesma concluiu que ele não compreende muito bem Libras)

Eu cresci rápido, eu tenho que olhar pra ver, daí depois eu mostro.

TU TE DA BEM COM OS TEUS COLEGAS AQUI DA ESCOLA? SÃO AMIGOS DE VERDADE?

Eu estudo, aprendo, com calma, copio, copio, tenho que aprender, tenho que ir pra segunda né.

TU TA APRENDENDO?

Eu aprendo, eu mudo as coisas, eu conto, depois estudo, e troco, depois eu faço de novo, copio, pra ir pra segunda né. Pra ir pra terceira eu tenho que estudar bastante, daí depois acabou e já terminou, depois tem que trocar outra.

DEPOIS QUE TU ACABAR, O QUE TU VAI FAZER?

Vou ter que ver, não sei.

TRABALHAR MAIS? PRA GANHAR MAIS DINHEIRO.

Depois eu estudo e trabalho mais. Depois eu tomo banho, depois vou pra escola, daí depois eu trabalho, vou na churrascaria depois eu lavo carro.

TU TRABALHA NA CHURRASCARIA TAMBÉM? (Explicado 3 vezes)

É bom na churrascaria. Eu fico cuidando os carros, eu fico sozinho ali na rua, digo vem pra ca, daí eles me dão dinheiro, mais devagar, vai por ali, é bom.

TU PENSA EM CASAR E TER FILHOS? TEM NAMORADA?

Eu to procurando namorada, não sei, vou pensar, nunca achei. Depois que eu telefonar daí sim.

TU CHAMA TUA AMIGA?

Amiga. Nem saio, fico namorando em casa vendo televisão, conversando.

O QUE TU GOSTA DE FAZER QUANDO NÃO ESTÁ NA ESCOLA?

Passear no ônibus, dormir, acordo, tomar café e saio, trabalho de novo.

GOSTA DE PASSEAR, IR NO PARQUE? FUTEBOL?

Domingo.

SÁBADO TU TRABALHA TAMBÉM?

Em casa.

NAMORANDO?

Ah vocês me provocam né. Calma. (Dá risada)

ENTÃO É ISSO HÉLIO, MUITO OBRIGADA, EU VOU TRAZER DE PRESENTE PRA VOCÊS O DVD COM O VÍDEO, PRA GENTE OLHAR TODO MUNDO JUNTO.

ANEXO B – Termo de Consentimento Informado

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Estou desenvolvendo, como trabalho de conclusão do curso de graduação em pedagogia da UFRGS, uma pesquisa sobre os sentidos da escola para jovens e adultos surdos, sob a orientação da professora Adriana da Silva Thoma.

Para tanto, proponho uma investigação de caráter qualitativo, realizada através de entrevistas narrativas com alunos surdos matriculados na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e gostaria de contar com sua colaboração como um dos sujeitos entrevistados para a pesquisa.

Comprometo-me a responder devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente você venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, bem como respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informo que quaisquer dados obtidos estarão sob sigilo ético e não serão exibidos de forma alguma, sendo totalmente de caráter analítico.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____ aceito participar da mesma e permito a utilização das respostas dadas em entrevista para análise da pesquisa.

Assinatura do Aluno/a

Pesquisadora: Simone de Brum



Orientadora: Prof^ª Dra Adriana da Silva Thoma

_____, _____ de 2013.

Para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos, seguem os telefones para contato:

Simone de Brum: (51) 8127.4677

Adriana da Silva Thoma (Orientadora): 3308.4365 (DEE/UFRGS)